

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Sociologia

Discriminação ou Inclusão? O papel da mulher nos Grupos
Organizados de Adeptos do Sporting Clube de Portugal

Carlos Mourinha

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:

Marcelo Moriconi

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2019

I. AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Marcelo Moriconi, um sincero agradecimento por ter aceite este desafio e pela disponibilidade sempre demonstrada. O seu contributo, bem como os seus conselhos foram fulcrais nos objetivos delineados da investigação.

Aos meus pais, que sempre demonstraram orgulho no percurso académico realizado e confiaram nas minhas escolhas. À Carolina, Rita e Hugo por me “obrigarem” a ser um exemplo do qual eles se possam orgulhar e ao resto da minha família por estarem sempre disponíveis para estender a mão.

À Paulinha e ao Gaby, que diariamente abdicam de tudo em prol de um grupo. Grupo esse do qual, orgulhosamente, faço parte. Um agradecimento especial por toda a ajuda disponibilizada e por me terem aberto a porta há cinco anos. Nem um passo atrás!

Ao Ascenso, Cuco e Pimpas por todas as aventuras, palavras de incentivo e momentos de reflexão.

À Bea, por ser muito mais do que uma namorada. Um agradecimento muito especial por diariamente ser a minha maior apoiante, conselheira e amiga. Sem ela, este trabalho não aconteceria.

II. RESUMO

A discriminação de género mantém-se até ao presente como uma prática recorrente da sociedade portuguesa. Apesar dos esforços realizados nos últimos anos no combate às desigualdades de género, através da desconstrução de papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, a erradicação destes comportamentos continua a ser um objetivo difícil de efetivar.

O objetivo desta Dissertação de Mestrado centrou-se na necessidade de identificar a existência de comportamentos discriminatórios de Género perante as mulheres, nos Grupos Organizados de Adeptos do Sporting Clube de Portugal. Desta forma, procurou-se recolher os testemunhos dos elementos femininos integrantes dos Grupos Organizados de Adeptos do Sporting Clube de Portugal.

Foram definidas três questões gerais de investigação, seguindo o Modelo de Análise Desagregado incrementado por Quivy e Campenhoudt (1992), sendo que para responder às questões de investigação foi desenvolvido um inquérito por questionário dirigido aos elementos femininos dos GOA do SCP.

As conclusões da presente Dissertação de Mestrado apontam para a existência de discriminação de género, no contexto estudado, relativamente às mulheres, sendo que após a investigação ficou esclarecido, quem, na sua maioria, eram os responsáveis por estes comportamentos. Contudo, é ressaltada a importância de uma abordagem mais explanatória no que diz respeito aos comportamentos de género adotados em contextos de masculinidade, como por exemplo no fenómeno dos Grupos Organizados de Adeptos, aqui estudado.

Palavras Chave: Discriminação de Género; Grupos Organizados de Adeptos; Hooliganismo; Estudos de Género; Masculinidade; Estereótipos de Género.

ABSTRACT

Gender discrimination is still a recurrent practice in Portuguese society. Despite efforts in recent years to combat gender inequalities through the deconstruction of social roles assigned to men and women, the eradication of these behaviours remains a difficult goal to achieve.

The objective of this Master's Dissertation focused on the need to identify the existence of discriminatory Gender behaviours towards women. Thus, we sought to gather the testimonies of the female members of the Sporting Clube de Portugal Organized Fan Groups

Three general research questions were defined, following the Disaggregated Analysis Model developed by Quivy and Campenhoudt (1992). In order to answer the research questions, a questionnaire survey directed to the female members of the in Sporting Clube de Portugal Organized Fan Groups was developed.

The conclusions of this Master's Dissertation point to the existence of gender discrimination, in the studied context, against women, and after the investigation it was clarified who, in their majority, were responsible for these behaviours. However, the importance of a more explanatory approach to gender behaviours adopted in contexts of masculinity, such as the phenomenon of the Organized Fan Groups studied here, is stressed.

Keywords: Gender Discrimination; Organized Fan Groups; Hooliganism; Gender studies; Masculinity; Gender stereotypes.

III. ÍNDICE

I. Agradecimentos	i
II. Resumo	ii
Abstract	iii
IV. Índice de Figuras.....	v
V. Índice de Tabelas.....	vi
VI. Glossário de Siglas.....	vii
1. Introdução.....	1
2. Identidade de Género	3
2.1 Conceito de Género.....	3
2.2 Estudos de Género	4
2.3 O combate pela Igualdade de Género em Portugal	7
2.4 A representação feminina no meio desportivo e o poder da masculinidade	9
3. Movimentos Sociais no Futebol.....	15
3.1 Hooliganismo: raízes e influências	15
3.2 O movimento Ultra Português: Origens e Paradigma atual	18
4. Metodologia.....	21
4.1 Universo em estudo e definição da amostra.....	21
4.2 Métodos de Recolha de Informação e Modelo de Análise	22
4.3 Inquérito por questionário	27
4.3.2 Processo de Integração dos elementos femininos	33
4.3.3 Discriminação de Género.....	36
4.4 Observação Participante.....	39
5. Conclusão.....	44
6. Bibliografia.....	47
Anexo A – Inquérito por questionário	50
Anexo B – Tabelas de frequência	55

IV. ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 2.1 - Barómetro do gap remuneratório entre homens e mulheres.....	7
Figura 2.2 - Gap de remunerações (base) por grau de qualificação (2015)	8
Figura 2.3 - Praticantes desportivos federados: total e por sexo	11
Figura 2.4 - Regime remuneratório para as jogadoras de futebol feminino em Portugal	14
Figura 4.1 – Escolaridade.....	27
Figura 4.2 - A que GOA pertence?	28
Figura 4.3 - Há quanto tempo faz parte deste GOA?	28
Figura 4.4 - Como conheceu o GOA do qual faz parte atualmente?	29
Figura 4.5 - Quais as principais razões para ter integrado o GOA?.....	30
Figura 4.6 - Quais as funções que perspetivava ter quando entrou no GOA?	31
Figura 4.7 - Que funções desempenha atualmente?	31
Figura 4.8 - Como caracteriza as seguintes tarefas?	32
Figura 4.9 - Existe uma preocupação em integrar novos elementos femininos?	33
Figura 4.10 - Como considera a sua integração dentro do GOA?.....	34
Figura 4.11 - Considera que o Sporting promove a integração de elementos femininos?.....	35
Figura 4.12 - Já presenciou comentários discriminatórios para com mulheres?.....	36
Figura 4.13 - Identifique quem foram os autores	37
Figura 4.14 - Quando entrou para o GOA tinha receio de ser discriminada?	38
Figura 4.15 - Já foi discriminada na vida pessoal/profissional por pertencer a um GOA?.....	39

V. ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 4.1 - Constituição dos GOA do Sporting Clube de Portugal.....	21
Tabela 4.2 - Modelo de análise desagregado.....	24
Tabela 4.3 - Quadro observação participante	42

VI. GLOSSÁRIO DE SIGLAS

GOA – Grupo(s) Organizado(s) de Adepto(s)

IPDJ – Instituto Português do Desporto e da Juventude

SCP – Sporting Clube de Portugal

1. INTRODUÇÃO

As mulheres continuam a receber menos que os homens, não dispõem das mesmas oportunidades e a presença em cargos de poder e decisão continua a ser diminuta (Vigani, 2016: 2).

No âmbito do Mestrado em Comunicação Cultura e Tecnologias da Informação, o presente trabalho aborda o tema da discriminação de género no contexto desportivo, mais concretamente no fenómeno dos Grupos Organizados de Adeptos do Sporting Clube de Portugal, através do estudo de comportamentos e normas vigentes dentro dos mesmos. Deste forma, pretende-se comprovar a existência ou não de discriminação de género nos Grupos Organizados de Adeptos do Sporting Clube de Portugal e, caso existam, quem são os seus autores.

Com o objetivo de contribuir para a discussão em torno da desigualdade de género em contextos de masculinidade, procurou-se obter as perceções das mulheres que fazem parte dos Grupos Organizados de Adeptos, dado que, pelas normas sociais de género que vigoram, são as mais atingidas pela discriminação de género (Faria, 2015: 8). Desta forma, definiu-se como questão de partida para esta investigação: “Existe discriminação de género nos Grupos Organizados de Adeptos do Sporting Clube de Portugal?”.

A discriminação de género continua presente em inúmeras dimensões sociais, sendo que, segundo Norbert Elias e Dunning (1992), o futebol continua a ser uma delas, constituindo-se como um reflexo das normas sociais vigentes, dos papéis sociais distintos atribuídos a homens e mulheres e da cultura de carácter masculino que domina a sociedade:

Por sua vez, isto constitui, em grande parte, o resultado de séculos de domínio masculino e de uma estrutura social global que continua, de um modo geral, a refletir e a reforçar este predomínio. Isso traduz, igualmente, a existência de padrões de socialização que destinam as mulheres, em especial, para as coisas da casa, para a realização de papéis profissionais subordinados e que limitam os seus horizontes não só na esfera profissional mas, também, na sua esfera de lazer. (Elias & Dunning, 1992: 403).

Grupos Organizados de Adeptos, mais conhecidos por claques, são o conjunto de adeptos, associados em instituições desportivas, que têm como finalidade o apoio às sociedades desportivas.

Para responder à questão de partida, foi desenvolvido um inquérito por questionário direcionado a uma amostra representativa dos elementos femininos dos GOA do SCP, sendo que a metodologia de investigação usada se alicerçou no Modelo de Análise Desagregado desenvolvido por Quivy e Campenhoudt (1992).

A dissertação encontra-se dividida em duas partes, sendo que a primeira diz respeito ao enquadramento teórico onde será analisado o conceito de género do ponto de vista de vários autores, os estudos de género e como este caso de estudo se relaciona com os mesmos, a igualdade de género em Portugal e mais especificamente no meio desportivo. De seguida, serão abordados dois temas relacionados com a temática dos GOA, sendo eles o Hooliganismo e o Movimento Ultra. Será feita uma análise das raízes históricas e culturais dos movimentos e quais foram as suas influências no caso português.

A segunda parte da dissertação refere-se ao enquadramento prático, onde estão inseridos o modelo de análise predefinido, os resultados dos inquéritos por questionário, bem como a observação participante e as conclusões da investigação realizada.

2. IDENTIDADE DE GÉNERO

2.1 Conceito de Género

Tal como constata Pilcher e Whelehan (2017), o conceito de género, como o conhecemos hoje, remete-nos à década de 70, cuja finalidade consistia na categorização analítica dos indivíduos, distinguindo-os consoante as diferenças biológicas e a forma como essas mesmas diferenças eram utilizadas para diferenciar comportamentos femininos e masculinos. Assim, o conceito de género está alicerçado às características sociais que distinguem os sexos feminino e masculino. É, portanto, um processo complexo de representações sociais tangíveis, como é o exemplo da roupa, da divisão laboral entre os sexos, como também das atitudes e comportamentos expectados. Uma vez que se trata de uma herança social e cultural dos pares, os indivíduos estão expostos a diferentes tratamentos, consoante os papéis que desempenham na sociedade. (Rothman, 2015: 22).

Desta forma, refere-se ao conjunto de atributos e oportunidades económicas, sociais, políticas e culturais associadas aos elementos femininos e masculinos. As definições sociais do que significa ser mulher ou homem variam consoante as culturas à qual pertencem e mudam ao longo do tempo: “Se as características anatómicas determinam qual sexo a que o indivíduo pertence, o género é uma construção social que define o que significa ser de um sexo ou de outro na sociedade” (Hardy & Jimenez, 2001, *apud* Faria 2015: 12). O conceito de género é uma expressão sociocultural de características e papéis particulares associados a certos grupos de pessoas com referência ao seu sexo e à sua sexualidade (Faria, 2015: 10).

Brandão (2008) relaciona a identidade de género com a essência abstrata do self em sujeitos masculinos ou femininos, correlacionando com as normas de género associadas aos estereótipos adotados por um indivíduo ou atribuídos pelos demais.

Depreende-se que o mesmo engloba as diversas ligações sociais entre elementos masculinos e femininos nas diferentes sociedades. O mesmo possui o seu alicerce na estrutura social das funções diferenciadas que os indivíduos masculinos e femininos compreendem na sociedade, o qual foi idealizado tendo em conta as disparidades biológicas de cada um.

Por isso as representações são sociais e são tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspetos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la. (Jodelet, 1989: 1).

Do ponto de vista sociológico, analisa-se o conceito de género a partir de dois pressupostos. Primeiramente, é ressaltado que a condição social que cada elemento possui na sociedade à qual pertence, difere conforme o género, ou seja, por pressuposição o mesmo é por si só incongruente. Por outro lado, tem-se em atenção a génese das condições sociais na estruturação da própria sociedade.

Segundo Amâncio (1992), fazemos parte de um sistema social que dispõe, previamente, das normas imputadas aos elementos femininos e masculinos que compõe a sociedade à qual pertencemos. Assim, enquanto não existir uma rutura crítica com o status quo, as relações sociais estarão sempre dependentes de normas predefinidas que ressaltam as diferenças entre homens e mulheres.

Os conteúdos caracterizadores do género masculino e feminino, as orientações normativas do comportamento de homens e mulheres e as dimensões explicativas desse comportamento estão interligados em representações que estabelecem uma assimetria entre os sexos e esta forma de pensamento social justifica e legitima as diferentes posições objetivas dos dois sexos. (Amâncio, 1992: 12).

2.2 Estudos de Género

Enquanto temática de estudo, o género caracteriza-se por ser um elemento valioso para a comunidade científica nas várias áreas das ciências sociais. Considerando em última análise que a investigação científica tem como objetivo a melhoria das condições sociais dos indivíduos, é fulcral que sejam usadas as ferramentas que os investigadores têm à disposição para destacar os problemas. Desta forma, a pesquisa credível efetuada pelos mesmos irá contribuir para

alterações teóricas e práticas nas políticas públicas que regem as sociedades democráticas (Alvarez, Vieira e Ostrouch-Kamińska, 2017).

Apesar do amplo conhecimento do conceito de género, os investigadores sociais têm encontrado bastantes obstáculos em definir um esquema teórico que permita analisar as ligações entre os indivíduos, procurando entender as dinâmicas associadas às teorias referentes às questões biológicas (Amâncio, 1999: 2). Não obstante ao crescimento do interesse das ciências sociais e do combate dos movimentos cívicos em prol da igualdade de género, as consequências têm sido ambíguas, visto que, dado o interesse público e político, bem como a atenção da comunicada científica deu-se uma diminuição de preconceitos de género, contudo originou um aumento de atos públicos discriminatórios (Young-Bruehl, 2010).

Os estudos de género, historicamente, são acompanhados de alguns obstáculos à sua pesquisa, com especial incidência para posição do autor, sendo ele um elemento masculino. Bourdieu (1998) considerava que, independentemente dos resultados obtidos através dos estudos de género, sendo o autor destes estudos um elemento masculino, estará sujeito a ser acusado de parcialismo. Segundo Bourdieu (1998), a discussão e o estudo à volta da igualdade de género estaria dominado pelas mulheres:

Reivindicar o monopólio de um objeto, qualquer que seja (nem que seja com o simples uso do "nós", corrente em certos escritos feministas), em nome do privilégio cognitivo que se crê estar assegurado apenas pelo fato de ser ao mesmo tempo sujeito o objeto, e, mais precisamente, de ter experimentado em primeira pessoa a forma singular da condição humana que se busca analisar cientificamente, é importar para o campo científico a defesa política de particularismos que autoriza uma desconfiança a priori e pôr em questão o universalismo que, através sobretudo do direito de acesso a todos os objetos, é um dos fundamentos da República das ciências. (Bourdieu, 1998: 137).

O principal objetivo de quem procura quebrar os estereótipos de género enraizados na vida social passa por erradicá-los de todas as dimensões de conhecimento (Davis & Gergen, 1997). Contudo, esta procura não se baseia num combate uniforme, mas sim em usar diferentes métodos e perspetivas de análise às questões teóricas.

Do ponto de vista empírico, os comportamentos desviantes relacionados com as questões de género devem ser refutados através da aceitação integral das normas científicas. Assim, a investigação dos temas abordados deve respeitar uma verosímil e íntegra recolha de dados, expondo-os posteriormente de forma concreta e explícita. Howard e Hollander (1997), defendem que existem dois tipos de abordagem empírica possíveis. A primeira surge no início do século XX e dá como garantido a subsistência de características díspares e subjacentes entre os diferentes sexos, sendo estas instintivas e constantes.

A outra abordagem, denomina-se de socialização e alterou a sua atenção nos estudos de género da biologia para o meio social. Deste modo, o conceito de género é analisado como consequência de normas sociais e culturais, transmitidas e imitadas através dos comportamentos dos indivíduos em sociedade (Taveira e Nogueira, 2004). Assim, depreende-se que os indivíduos desde a idade infantil concebem personalidades padronizadas, ao serem educados perante os papéis sociais atribuídos aos indivíduos masculinos e femininos, separadamente, no meio social no qual estão inseridos. Posto isto, os papéis referidos transformam-se em particularidades sociais retidas através da aprendizagem cognitiva e sentimental.

Outra perspetiva de análise aos estudos de género denomina-se “feminist standpoint position”. Esta abordagem centra-se na prerrogativa do crescimento da experiência estar conectado à ligação inata entre cientista e a sua individualidade, ou seja, o oposto da perspetiva empírica que se baseava na imparcialidade do investigador (Taveira e Nogueira, 2004).

Já a abordagem feminista progressista rompe com as perspetivas anteriormente referidas, negando a existência de discursos gerais e universais em relação ao papel da mulher em meios sociais. O foco desta abordagem centra-se na desconstrução das dinâmicas sociais que são utilizadas para entender o universo coletivo. Desta forma, a linguagem é encarada como uma condicionante da reflexão e intervenção social, dando uso ao conhecimento histórico e cultural para abordagem ao conceito de género, questionando os fundamentos tidos como factuais (Burr, 1995; Daves & Gergen, 1997).

2.3 O combate pela Igualdade de Género em Portugal

A discussão sobre a Igualdade de Género em Portugal faz parte da atualidade política e social portuguesa. Tal, deve-se em parte, como anteriormente referido, à necessidade urgente de implementar medidas que promovam o equilíbrio social entre homens e mulheres. Com base nos últimos dados, fornecidos pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, a população portuguesa divide-se em 52,6% elementos femininos e 47,4% masculinos com base nos últimos Censos. Ora estes dados, deveriam perspetivar um equilíbrio em todos os setores sociais no que toca ao género, sendo que a verdade é que tal está muito longe de acontecer.

Como é possível verificar nos dados abaixo apresentados, com base no Barómetro das diferenças remuneratórias entre mulheres e homens, concluímos que o fosso (Gender Pay Gap) entre os salários de homens e mulheres continua bastante alto. Considerando que estes dados abrangem todos os setores de atividade económica, ou seja, cada profissão, independentemente do nível de qualificação profissional, habilitação literária ou antiguidade na entidade empregadora, poderia julgar-se que estas variáveis estariam a influenciar a disparidade salarial, o que não é de todo verdade.

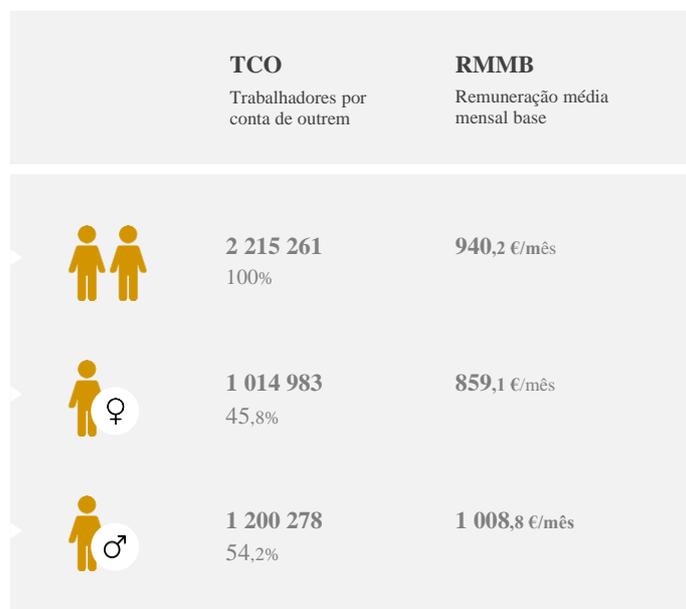


Figura 2.1 - Barómetro do gap remuneratório entre homens e mulheres

Fonte: Gabinete de Estratégia e Planeamento

Autoria Própria

Tendo em consideração os dados presentes no barómetro verificamos que a média salarial é bastante díspar entre os dois géneros. Em média, a remuneração mensal base dos elementos masculinos cifra-se nos 1 008,8€ por mês, contrastando com a remuneração média dos elementos femininos, sendo esta 859,1€ por mês. Como referido anteriormente, existem uma série de variáveis que podem condicionar estes dados, contudo, tendo em conta essas mesmas variáveis é possível verificar que quanto mais alta for a qualificação, maior é o *Gender Pay Gap*, atingindo valores inqualificáveis, para uma sociedade que tem como um direito constitucional a igualdade salarial independentemente do género, raça, religião e orientação sexual.

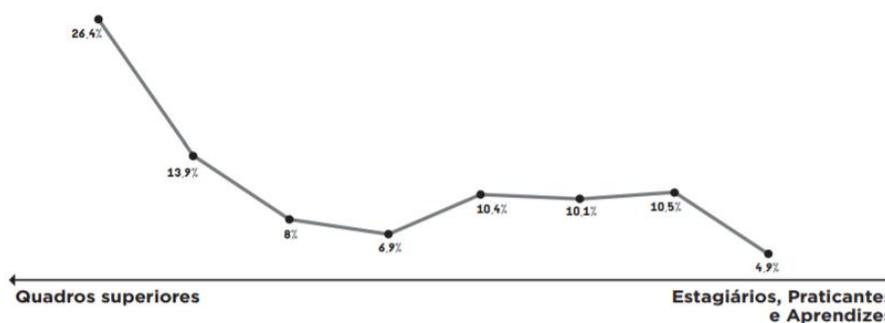


Figura 2.2 - Gap de remunerações (base) por grau de qualificação (2015)

Fonte: Gabinete de Estratégia e Planeamento

Autoria: Gabinete de Estratégia e Planeamento

Estes números são bastantes relevantes nos quadros superiores das empresas privadas. Nos conselhos de administração, das vinte maiores empresas cotadas na bolsa de Lisboa, a representação feminina cinge-se a 14%, destoando da média da União Europeia que se fixa nos 23%. Considerando a presença de mulheres nos cargos de decisão política, mais precisamente na Presidência de Câmaras Municipais, podemos verificar que em 2013 apenas 7,5% das Câmaras eram presididas por mulheres.

Em 2006, foram dados os primeiros passos para o crescimento da representação feminina na Assembleia da República com a aprovação da Lei da Paridade, obrigando os partidos políticos a apresentarem nas suas listas pelo menos um terço de representantes de cada género. Até 2005, a representatividade feminina na Assembleia da República era praticamente nula, contribuindo para a permanência de estereótipos enraizados nos cargos públicos de

decisão. Em 2016, apesar de, dois dos cinco partidos com representação na Assembleia apresentarem como Secretário-Geral uma mulher, a representação feminina fixava-se num terço dos elementos da Assembleia da República, surgindo receios que esses valores apenas estavam dependentes da Lei da Paridade. Assim, a partir das próximas eleições legislativas de 6 de outubro, a representatividade política de cada género passará a ser no mínimo 40%.

O caminho para a Igualdade de Género no meio social, passa invariavelmente pelo sistema educativo, sendo necessário implementar reformas estruturantes que suprimam as adversidades que professores e alunos encontram no ensino e aprendizagem da igualdade de género:

Treating boys and girls in the same way can reinforce, rather than redress social disadvantage as education can serve to underline existing stereotypes of women as unsuited to academic achievement, an image which can be portrayed (often unconsciously) in textbooks showing female role models at home, while men are history makers and intellectual pioneers. (Wilson, 2004: 13).

Ao contrário de várias missivas provenientes da União Europeia, que atestam o retrocesso nos direitos e nas oportunidades das mulheres na esfera social em vários países membros, e a necessidade urgente de criar uma unidade curricular que aborde temas fraturantes como a Igualdade de Género, a Direção Geral da Educação continua a não inserir qualquer disciplina na matriz curricular dos ciclos correspondentes à escolaridade obrigatória.

2.4 A representação feminina no meio desportivo e o poder da masculinidade

As origens do desporto, na Europa, como o conhecemos remontam ao século XIX, como um local de disputa física entre elementos masculinos. Assim, era requerido aos elementos masculinos, que ambicionassem a glória, possuírem determinados atributos referentes ao ideal masculino: esforço, robustez, capacidade de liderança, perspicácia, virilidade, etc. (Jacinto, Elisabete et al., 2015).

Ora, por esta altura, o papel das mulheres não só no desporto, mas também nas sociedades europeias, era deliberadamente secundário. A comunidade científica foi responsável inclusive por propagar mitos sobre os perigos da prática do desporto para as funções reprodutivas da mulher:

Considerava-se que esta era feita para procriar e temia-se que a atividade desportiva pusesse em causa esta função. A própria investigação médica foi responsável por evidenciar os efeitos perigosos de certos desportos e escolher aqueles que melhor convinham à natureza feminina, atendendo à primeira responsabilidade da mulher: a função reprodutora. (Jacinto, Elisabete et al., 2015: 9).

Alterações estruturantes ocorridas na sociedade a partir da década de 50 do século passado, como o acesso à educação e a inserção no mercado laboral das mulheres, alteraram o paradigma da participação feminina no desporto. As melhorias nas condições sociais, os avanços científicos, aliado ao crescimento dos movimentos feministas, contribuíram para o aumento da participação feminina no desporto. Contudo o desporto é uma área sustentada por uma racionalidade binária sexual, onde a masculinidade convencional é amplamente valorizada (Woodward and Woodward, 2015: 3).

Não obstante o acima referido, os obstáculos no acesso ao desporto decorridos de uma fórmula construída e aplicada de e para homens, bem como a resistência de estereótipos de género referentes ao meio desportivo, tornam a participação das mulheres, atualmente, ainda muito aquém de números que traduzam igualdade de oportunidades para homens e mulheres (Pfister, 2015: 567).

Em Portugal, o cenário não é propriamente positivo. Tendo em conta, que cerca de 52% da população portuguesa é constituída por elementos femininos, deveria existir uma prática desportiva em número semelhante entre homens e mulheres.

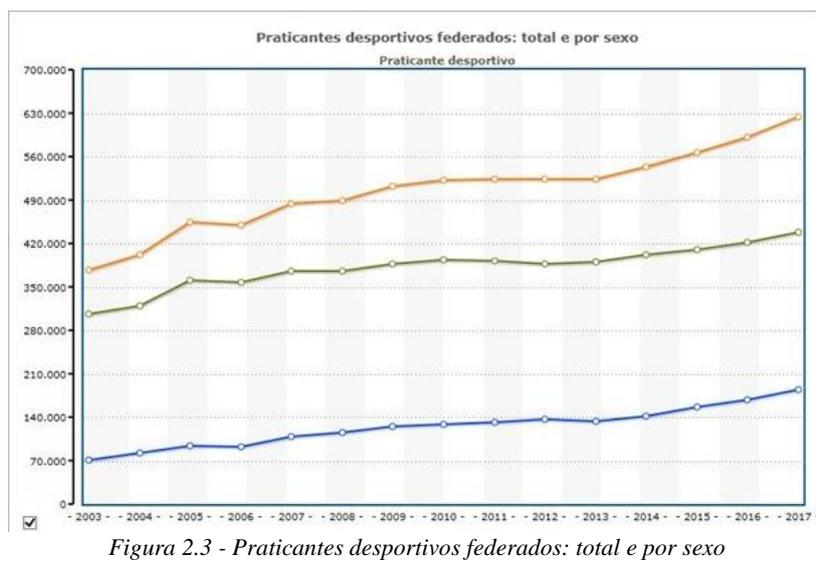


Figura 2.3 - Praticantes desportivos federados: total e por sexo

Fonte: PORDATA

Autoria: PORDATA

Como é possível verificar no gráfico acima representado (figura 2.3), segundo os últimos dados fornecidos pelo PORDATA em parceria com o Instituto Português do Desporto e da Juventude, concluímos que no presente a disparidade de praticantes de desporto federado continua a ser bastante assinalável. Recuando até ao ano de 2005, estavam registados no IPDJ 454 651 atletas federados, sendo que destes 360 589 eram homens e 94 062 eram mulheres. Trabalhando estes dados, verificamos que do total de atletas federados em 2005, aproximadamente 79% eram do sexo masculinos e 21% do sexo feminino.

Nos dados disponibilizados mais recentemente, em 2017, estavam registados 624 001 atletas federados, fazendo parte 438 721 homens e 185 280 mulheres. Entre 2005 e 2017, existiu um aumento de 169 350 atletas federados, resumindo-se num aumento de aproximadamente 37%. Importa ressaltar que a disparidade entre elementos masculinos e femininos permanece muito elevada, sendo que entre o período analisado (2005-2017) apenas diminuiu 9%. O único dado positivo a reter, cinge-se no facto dos elementos femininos terem sido o principal influenciador no aumento do número de atletas federados em Portugal, contribuindo com aproximadamente 54% do número de atletas federados.

Este cenário negativo reflete a permanência de estereótipos de género, associados a obrigações, competências e hábitos identificados a homens e mulheres, baseadas numa cultura

com características específicas e onde as normas sociais encontram-se fortemente sedimentadas. O desporto é encarado, na generalidade, como um veículo privilegiado para a aproximação cultural entre pessoas e nações, seja mediante dinâmicas de socialização ou na definição identitária dos indivíduos, procurando combater a exclusão (Marivoet, 2016: 195).

A existência de discriminação no meio desportivo será sempre correspondente aos preconceitos de género, raça, religião e orientação sexual existentes em qualquer sociedade. Contudo, o desporto pode e deve ser utilizado para combater essas mesmas desigualdades sociais.

Mas esta realidade, não retira o reconhecimento geral das potencialidades inclusivas do desporto, nomeadamente na criação de redes de sociabilidade e afinidade em espaços comunitários ou territoriais, em que jovens inseridos em famílias desfavorecidas, ou sujeitas a qualquer tipo de discriminação, experimentam a interação social na base do respeito mútuo e da igualdade em torno do sentido de pertença ao grupo, contrariando assim as experiências exclusivas que as sociedades tendem a sujeitá-los. (Marivoet, 2016: 195).

Os cinco clubes com maior expressão em Portugal, tendo em conta o número de associados, têm implementado algumas medidas para combater a desigualdade de género enraizada em Portugal. Contudo, até 2016, o futebol era um dos poucos desportos onde nem Sport Lisboa e Benfica, Sporting Clube de Portugal, Futebol Clube do Porto, Sporting Clube de Braga e Vitória Sport Club tinham qualquer equipa feminina em competição.

Em 2016, Sporting Clube de Portugal e Sporting Clube de Braga criavam equipa sénior feminina, para competir no Campeonato Feminino Português, a convite da Federação Portuguesa de Futebol, e três equipas dos escalões de formação para competir nos respetivos campeonatos. A presença de dois históricos do futebol nacional na competição feminina transportou para a ribalta o futebol feminino, criando bases para um maior acesso e interesse pela prática federada em Portugal, originando também um maior interesse da opinião pública no futebol feminino.

Aliado a esse interesse da opinião pública, nessa mesma época de estreia do Sporting e do Braga no campeonato feminino, é, pela primeira vez transmitido na televisão, em Portugal,

uma jornada do campeonato português feminino. O jogo entre Sporting Clube de Portugal e Sporting Clube de Braga, crucial na luta pelo título do campeonato, foi disputado em pleno Estádio José de Alvalade, sendo que a vitória caiu para o lado dos leões nos últimos minutos do jogo. Este jogo, além do marco histórico televisivo, originou o recorde de assistência num jogo de futebol feminino em Portugal: 9263 espetadores assistiram no Estádio José de Alvalade ao jogo entre os dois rivais, quebrando o anterior recorde de 3415 espetadores, uns meses antes, num jogo da seleção feminina de futebol.

No ano seguinte, a final da Taça de Portugal feminina foi disputada, a par da competição masculina, no Estádio Nacional, batendo novamente o recorde de assistência, tendo estado presentes 12 213 espetadores, sendo que pela primeira vez foi transmitido num canal de televisão público. No dia 30 de março do presente ano, num jogo de solidariedade, disputado no Estádio do Restelo, para ajudar os habitantes de Timor atingidos pelo Furacão Idai, disputou-se o primeiro Derby da história do futebol feminino em Portugal entre Sporting Clube de Portugal e Sport Lisboa e Benfica. Além do recorde de espetadores batidos, foram mais de 15 mil espetadores, o jogo foi transmitido na TVI24.

Pese embora, o crescimento animador em espetadores e praticantes do futebol feminino em Portugal, o cenário não é propriamente positivo. Segundo dados publicados pela Federação Portuguesa de Futebol, a 31 de março estavam registados 154 326 futebolistas. Desses atletas federados, 148 856 eram elementos masculinos e apenas 5 470 eram elementos femininos, perfazendo 3,5% do total de atletas federados. As discrepâncias são gritantes e não se referem apenas ao número de atletas federadas.

No ano passado o Sindicato de Jogadores promoveu um inquérito junto dos elementos femininos que praticavam futebol e que se encontravam devidamente registados na Federação Portuguesa de Futebol¹, concluindo que apenas 7,3% das futebolistas a atuar em Portugal eram profissionais. O inquérito revelou outros números assustadores (figura 2.4) como o facto de 66,7% das jogadoras não receber qualquer salário e 36,4% reportaram que já tinham sido vítimas de discriminação. Comparando com os dados fornecidos pela FIFPRO, onde estão

¹ Fonte: sjogadores.pt

presentes todas as associações profissionais de futebol, verificamos que Portugal posiciona-se muito abaixo da média no que concerne ao futebol feminino. Tendo em conta o gráfico acima representado, do universo de 33,3% de jogadoras em Portugal que recebem salário, 76,4% recebe um salário mensal inferior a 200€, contrastando com a média salarial de 490€ do global das associações que fazem parte do FIFPRO.

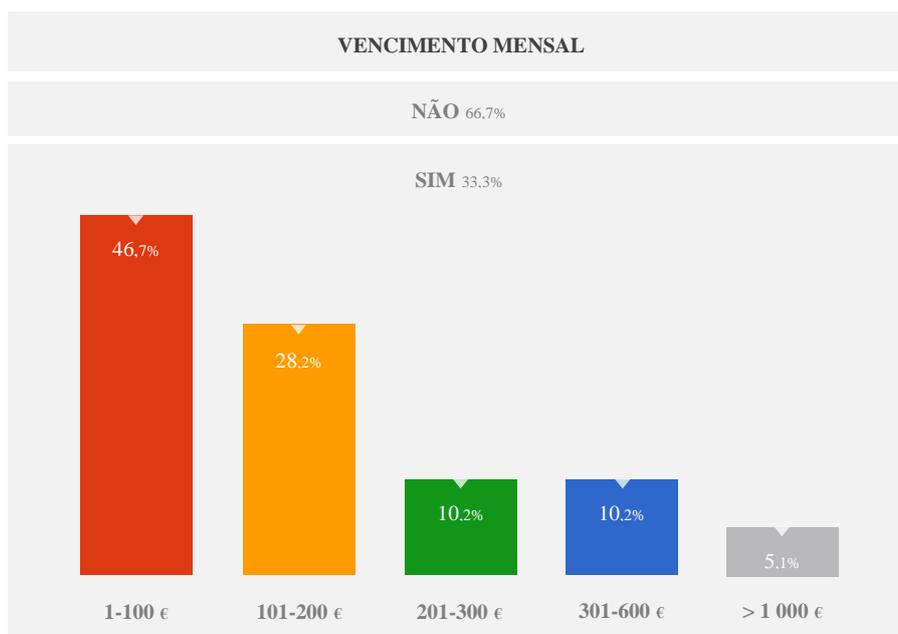


Figura 2.4 - Regime remuneratório para as jogadoras de futebol feminino em Portugal

Fonte: Sindicato de Jogadores

Autoria Própria

3. MOVIMENTOS SOCIAIS NO FUTEBOL

3.1 Hooliganismo: raízes e influências

É fulcral iniciar a compreensão do surgimento das claques em Portugal e no resto da Europa, através do entendimento do Hooliganismo. Não obstante ao facto de, na generalidade das claques fazerem referência à influência do movimento Ultra italiano, não seria correto afirmar a inexistência do elo entre o fenómeno do Hooliganismo e o surgimento do movimento ultra.

Ainda que a maioria dos autores concorde que existem duas subculturas distintas no futebol – a hooligan/casual, de origem inglesa, predominante no Norte da Europa, e a ultra, de origem italiana, comum nos países do Sul, como temos vindo a referir -, com diferentes formas de organização, com comportamentos esperados e formas de violência típicas, o uso do termo “hooliganismo” como sinónimo de violência provocada por adeptos de futebol, encontra-se bastante enraizado, essencialmente nos meios académicos ingleses e, em geral, nos institucionais (Seabra, 2019: 37).

A origem do termo *Hooligan* é pouco ou nada claro, como refere Pearson (1984). Este autor relata inúmeras histórias, todas centradas no final do século XIX, que possam ter estado na génese do termo *Hooligan*, sendo que nenhuma foi possível de confirmar como totalmente verídica. Contudo, este termo foi introduzido abruptamente na sociedade britânica em 1898, quando no verão desse ano, um elevado número de jovens londrinos alcoolizados, oriundos de bairros operários com condições de vida degradantes, organizaram-se e pilharam as ruas da cidade, entrando em violentos confrontos com as autoridades. A comunicação social inglesa noticiou este episódio violento, atribuindo o termo Hooligan aos prevaricadores (Pearson, 1998).

Ainda no final do século XIX, o termo entrou definitivamente no enquadramento futebolístico, para nunca mais sair. O mesmo estava associado aos indivíduos que perpetuavam comportamentos desviantes, nomeadamente violência entre adeptos, contra jogadores, dirigentes e árbitros, destruição de propriedade pública e roubo. Usualmente, estes indivíduos agiam em grupo, de forma a permanecerem impunes perante a lei mais facilmente.

Football had been a traditionally rowdy and sometimes violent game, but as a regulated spectator sport it provided novel opportunities for conflicts between the players, referees and fans, and there is a well documented history of pitch invasions attacks on referees and players, and fighting between rival fans throughout the later part of the nineteenth century and into the new century. (Pearson 1998: 64).

Contudo, importa ressaltar que muitos dos episódios de violência relatados durante o período referido pouco ou nada estavam relacionados com o futebol e tudo o que o engloba, existindo apenas algumas semelhanças com o hooliganismo do presente. Contrariamente, o jogo de futebol era usado como pretexto para encetar confrontos com grupos/bairros rivais. Estes grupos eram normalmente constituídos por jovens do sexo masculino oriundos de famílias operárias que viviam em bairros decadentes.

No entanto, tal era um motivo de orgulho e símbolo de masculinidade. Existia uma correlação direta entre o respeito pelos pares e a pobreza do bairro, ou seja, quanto mais dura fosse a vida no bairro ao qual pertenciam, mais respeitados eram fora desse mesmo bairro. O futebol era usado como simples pretexto para o encontro com bairros rivais, de forma a criar predominância nas zonas referidas. Quando este confronto não ocorria, os alvos passavam a ser as forças de autoridade ou locais onde habitualmente se reuniam os grupos rivais. (Dunning & Murphy & Williams, 1994).

As mulheres eram habitualmente usadas como objeto de disputas entre rivais. Existia um sentimento de pertença, quase feudal, onde as mulheres destes bairros só podiam conviver ou estavam destinadas aos homens do mesmo bairro, sendo que, aquelas que não cumprissem com tais indicações estavam sujeitas a serem expulsas da comunidade ou discriminadas.

“Nestes círculos sociais, as ofensas às mulheres são entendidas pelos homens como uma ameaça à sua identidade masculina, e os direitos de propriedade dos homens sobre as mulheres – em especial no capítulo da sexualidade – são encarados de forma semelhante.” (Dunning & Murphy & Williams, 1994: 129).

Nas últimas décadas o Hooliganismo ganhou outra faceta. Após a Segunda Guerra Mundial, a Grã-Bretanha atravessava uma conjuntura favorável para a diminuição das

assimetrias sociais. Contudo, tal não se sucedeu em todos os setores da classe trabalhadora, causando revolta junto dos mais jovens que continuavam com fracas perspectivas de condições de vida mais favoráveis (Seabra, 2019: 48).

Esta revolta levou à criação de alguns grupos de jovens como os Teddy Boys, Mods, Skinheads, entre outros, que se caracterizavam por episódios de violência extrema não só com as autoridades, mas também com elementos de classes mais altas. Os estádios de futebol passaram a ser o local ideal para encetar estes atos. O público que frequentava os estádios já era homogéneo, sendo que o policiamento dos jogos era bastante irrisório comparado com os dias de hoje.

O aumento dos episódios violentos com estes grupos, bem como a sua cada vez maior divulgação nos meios de comunicação britânicos, resultou na criação de zonas policiadas no estádio onde estes jovens eram colocados. Foram também criadas zonas vigiadas para os adeptos visitantes, de forma a não existir qualquer contacto entre grupos rivais. Os adeptos envolvidos em confrontos começaram também a ser banidos dos estádios e o aumento do policiamento contribuiu para a consequente diminuição de episódios violentos nos estádios de futebol (Dunning & Murphy & Williams, 1994: 85).

Apesar do sucesso comprovado, a violência entre grupos rivais do futebol não diminuiu propriamente, alterando apenas o palco destes confrontos. O surgimento de novas tecnologias como a videovigilância dentro e fora dos estádios, a criação de legislação cada vez mais rígida, aliado ao maior controlo policial, produziu nestes grupos a necessidade de encontrarem formas para perdurarem a sua conduta violenta. Assim, sob a égide de um código de honra dúbio, começaram a combinar encontros com grupos rivais em zonas neutras e afastadas dos estádios onde encetavam disputas violentas.

Recentemente, surgiu um subgrupo, ligado ao Hooliganismo, denominado de Casuals. Estes caracterizam-se pelo uso de roupas de marcas caras (Elesse, Fred Perry, Ralph Lauren, Stone Island, etc.), sendo que não ostentam qualquer símbolo do clube que apoiam. Combinam encontros com grupos rivais através das redes sociais ou através do telemóvel, normalmente em zonas afastadas dos estádios de forma a fugirem ao controlo policial.

Em Portugal, já foram várias vezes noticiados pelos atos violentos realizados sem qualquer controlo policial. A eclosão deste subgrupo surge no seguimento de medidas legislativas de controlo aos Grupos Organizados de Adeptos, nomeadamente a lei nº. 16/2004, nas quais os membros destes grupos devem estar devidamente registados no Instituto Português do Desporto e da Juventude.

3.2 O movimento Ultra Português: Origens e Paradigma atual

O Movimento Ultra surge na segunda metade do século XX, em Itália, impulsionado por condicionantes geopolíticas e pela exportação do Hooliganismo inglês. Após a Primeira Guerra Mundial, um pouco por toda a Europa, registou-se uma melhoria das condições laborais, originado por um período de estabilidade económica e política, fazendo aumentar os períodos de lazer da classe operária.

Por esta altura, o futebol já era um desporto bastante popular em Itália, sendo que a generalidade da assistência era de ascendência burguesa. A melhoria das condições de vida da classe operária alterou este padrão, gerando uma assistência claramente homogénea. A presença massiva das classes mais baixas contribuiu para a criação de vertentes de apoio com uma ligação emocional ao clube apoiado (Seabra, 2019).

Após a Segunda Guerra Mundial, a instabilidade política e económica assolava uma Itália completamente devastada pelo conflito perdido e com elevados custos humanos. Na década de sessenta, a instabilidade política alastrava a todos os quadrantes da sociedade, gerando antagonismos principalmente nas falanges mais jovens. De um lado, existia uma grande parte da sociedade que decidiu romper com os ideais radicais de direita, que haviam governado nas últimas décadas, defendendo políticas assumidamente de esquerda, sendo que na outra ponta estavam aqueles que continuavam a defender uma sociedade conservadora, declarando apoio aos ideais de direita (Seabra, 2019).

O futebol não se revelou alheio aos conflitos políticos e foi com alguma naturalidade que as alterações entre jovens se transpuseram para os estádios de futebol. Dependendo da

zona geográfica do clube apoiado, as preferências políticas eram diferenciadas levando a uma crescente onda de violência entre grupos de diferentes clubes (Podaliri e Balestri, 1998: 89).

Nesta contextura, surgiram os primeiros grupos Ultra, baseados em pequenas associações de jovens, onde muitos destes tinham ligações à política. Assim, fundamentado no regime associativo, os primeiros grupos Ultra italianos, apesar da influência do Hooliganismo inglês, caracterizavam-se por possuir um modelo de organização previamente hierarquizado e estabelecido, contrapondo com o cariz espontâneo e desorganizado dos Hooligans Ingleses.

Estes grupos ocupavam maioritariamente os setores atrás da baliza, denominados de curva, sendo estes os mais baratos, formando uma ligação identitária ao território ocupado. Naquele local, partilhavam-se valores, ideais e formas de pensar, sem nunca perder de vista o principal objetivo, apoiar o clube. Neste sentido, desponta a principal novidade em relação ao Hooliganismo Inglês, sendo esta a elaboração de grandes coreografias usando materiais como lençóis, balões, panos e material pirotécnico, confirmando a influência das torcidas brasileiras na origem do movimento Ultra italiano. (Roversi e Balestri, 2002: 141)

A violência esteve sempre presente nos grupos Ultra, sendo que o maior controlo policial aliado a uma opinião pública cada vez mais negativa, afastou momentaneamente os confrontos para as zonas circundantes dos estádios. Contudo, a atenção mediática e crescente pressão da opinião pública fizeram surgir medidas legislativas para controlar a violência no desporto.

Em Portugal, o Movimento Utra seguiu as influências italianas e a partir da década de setenta já era possível presenciar nos estádios portugueses, largos grupos de adeptos posicionados em locais previamente definidos, geralmente nas bancadas laterais ou atrás das balizas entoando cânticos de apoio aos clubes (Marivoet, 1992: 145).

A Juventude Leonina é a primeira claque em Portugal e eclode em 1976, por um grupo de jovens portugueses, que tinham regressado do Brasil onde tiveram emigrados, juntamente com os filhos do Presidente do Sporting Clube de Portugal, João Rocha. O objetivo da Juventude Leonina passava por transformar o jogo de futebol num espetáculo inesquecível, criando uma atmosfera de festa não só para os integrantes, mas também para os restantes

adeptos. Bandeiras gigantes, panos, material pirotécnico, rolos de papel higiénico, entre outras coisas eram usadas para coreografias inovadoras no panorama do futebol português.

Tal como em Itália, os Grupos ultra portugueses que surgiram nos anos seguintes à constituição da Juventude Leonina, foram maioritariamente formados por grupos de jovens. Tal, deveu-se inequivocamente ao período de estabilidade democrática que Portugal atravessava. A 25 de Abril de 1974, terminava em Portugal um período de mais de quatro décadas de ditadura, onde as liberdades pessoais eram diminutas e o associativismo era proibido ou fortemente reprimido.

Estavam reunidos os elementos necessários para o crescimento dos Grupos Ultras portugueses nos anos seguintes. Na década de 90 até ao presente, um pouco por todo o país, o Movimento Ultra Português assumiu um estatuto elevado no futebol europeu, ombreando em dimensão e espetáculo com os principais Grupos Ultra italianos.

4. METODOLOGIA

4.1 Universo em estudo e definição da amostra

Tendo em conta, os últimos dados (fevereiro 2019) disponibilizados pelo Instituto Português da Juventude e do Desporto, o Sporting Clube de Portugal conta com 2 937 elementos pertencentes aos quatro Grupos Organizados de Adeptos, devidamente registados. Dado que, o IPDJ não disponibiliza as estatísticas, nem o sexo dos elementos referidos foi necessário reunir com a direção destes grupos solicitando o número de elementos femininos presentes nas listas entregues à entidade reguladora (ver Tabela 1).

GOA	Nº Total de Elementos	Elementos Femininos
Juventude Leonina	1 632	183
Directivo Ultras XXI	709	175
Torcida Verde	358	59
Brigada Ultras	238	24
Total	2937	441

Tabela 4.1 - Constituição dos GOA do Sporting Clube de Portugal

Fonte: Instituto Português da Juventude e do Desporto

Autoria Própria

Importa primeiramente salientar que os Grupos Organizados de Adeptos do Sporting Clube de Portugal são aqueles com mais elementos registados no IPDJ, representando 62% de todos os elementos registados oficialmente. Pela Tabela 1 é possível verificar que, dos quatro grupos do Sporting, o Directivo Ultras XXI é aquele que apresenta a maior percentagem de mulheres nas suas fileiras com 24,28% dos elementos registados a pertencerem ao sexo feminino. De seguida, a Torcida Verde contra com 16,48% de representatividade feminina, enquanto a Juventude Leonina, apesar de ter o maior número de elementos femininos, só conta com uma percentagem de 11,21% de representatividade feminina. Por último, a Brigada Ultras, o último Grupo Organizado de Adeptos a ser criado, conta não só com o menor número de

elementos femininos bem como a menor percentagem, fixando-se esta nos 10,08%. Globalmente os elementos femininos representam 15,02% do total de elementos registados.

No que concerne à amostra da população escolhida, Taherdoost (2016) defende que o fulcral não é a percentagem da população em estudo que é inquirida, mas a dimensão da amostra em ligação à complexidade da população analisada, os objetivos do investigador, bem como a inferência estatística que o mesmo pretende retirar dos dados obtidos.

De forma a determinar o tamanho da amostra, foi usada a equação desenvolvida por Yamane (1967) para populações pequenas. Assim, tendo em conta um nível de confiança de 95% e uma margem de erro de $P = 0,5$, n é o tamanho da amostra, N é a população em estudo, sendo que e é o nível de precisão.

$$n = \frac{N}{1 + N(e)^2}$$

Neste sentido, tendo em consideração os dados acima referidos, foram realizados 122 inquéritos a elementos femininos pertencentes aos Grupos Organizados de Adeptos do Sporting Clube de Portugal, perfazendo uma amostra de 27,66% do número total de mulheres.

4.2 Métodos de Recolha de Informação e Modelo de Análise

A investigação encaixa no modelo de caso de estudo, dado a sua vertente exploratória que tem como finalidade reportar e ilustrar comportamentos vigentes, fomentando assim o debate sobre as questões investigadas, podendo servir como impulsionador de alterações nos comportamentos adotados (Serrano, 2004). Os estudos de caso, são para Serrano (2004) uma interpretação da realidade social estudada, cujo fundamento adequa-se aos métodos de pesquisa qualitativos, contudo tal, não significa que não sejam usados métodos e técnicas de pesquisa quantitativos de forma a complementar a abrangência da investigação.

De forma a responder à questão de partida, anteriormente referida, foi desenvolvido um inquérito por questionário, através da plataforma *Google Forms*, que permitisse através de uma

amostra representativa da população em estudo, colocar variadas questões relacionadas com os comportamentos individuais e coletivos perante as mulheres nos Grupos Organizados de Adeptos. Posteriormente, os dados foram trabalhados na plataforma de software analítico IBM SPSS statistics 26.

A escolha deste modelo de análise baseia-se na necessidade de extrair informações de uma amostra da população que permita analisar movimentos e padrões sociais que sejam representativos da totalidade da população em causa:

O conhecimento de uma população: condições e modos de vida, comportamentos, valores ou opiniões. A análise de um fenómeno social que se julga apreender melhor a partir de informações relativas aos indivíduos da população em questão. Casos em que é necessário interrogar um grande número de pessoas e em que se levanta um problema de representatividade. (Quivy & Campenhoudt 1992).

De forma a instrumentalizar as questões de investigação, foi criado um Modelo de Análise Desagregado com base nos modelos apresentados por Quivy e Campenhoudt (1992).

Questão de Investigação	Variáveis	Indicadores
Q1 As funções atribuídas aos elementos do GOA variam consoante o género?	1.1 Cargos/Funções	1.1.1 Funções por Género (P14) 1.1.2 Cargos esperados (P16 e P17)
Q2 O SCP e os GOA procuram integrar os elementos femininos?	2.1 Inserção no GOA 2.2 Inserção no Clube	2.1.1 Papel do GOA na integração de novos elementos (P11, P15) 2.2.1 Papel do clube na integração das mulheres (P20 e P21)
Q3 As mulheres que fazem parte dos GOA, sofrem discriminação nas bancadas, na vida pessoal ou profissional?	3.1 Comportamentos nos GOA 3.2 Vida Pessoal e Profissional	3.1.1 Episódios de discriminação dentro dos GOA (P12, P13 e P18) 3.2.1 Episódios de discriminação (P19)
Perfil sociodemográfico da amostra em estudo		P1, P2, P3 e P4
Identidade Ultra		P5, P6, P7, P8, P9 e P10

Tabela 4.2 - Modelo de análise desagregado

Autoria Própria

Tendo como base a questão de partida: “Existe discriminação de Género nos Grupos Organizados de Adeptos do Sporting Clube de Portugal?”, construíram-se três questões gerais de investigação, com o objetivo de responder às hipóteses colocadas (ver Tabela 2). A Q1 estava estritamente relacionada com os papéis atribuídos e esperados pelos elementos femininos antes e após entrarem no GOA, bem como as funções destacadas consoante o género. A Q2 procurava entender a preponderância da estrutura diretiva dos GOA e da instituição SCP na integração de elementos femininos. Por fim, a Q3 tinha como objetivo perceber diretamente se as mulheres já foram vítimas de discriminação nos GOA e na sua vida pessoal ou profissional.

A análise dos resultados dos inquéritos construiu-se em cinco capítulos tal como explanado no Modelo de Análise acima apresentado. Assim, primeiramente fez-se uma análise sociodemográfica da amostra da população referida, tendo em conta a idade e a escolaridade das inquiridas. O capítulo seguinte faz referência à Identidade Ultra, isto é, as características identificativas relacionadas com o GOA ao qual pertencem as inquiridas, há quantos anos fazem

parte do mesmo, se já pertenceram a outro GOA, como conheceram o grupo do qual fazem parte atualmente e quais as razões para terem integrado esse mesmo GOA. De seguida é feita uma análise à primeira questão de investigação, estando esta relacionada com as funções pelas quais os elementos femininos são responsáveis dentro da estrutura dos GOA. A integração das mulheres nos GOA e o papel do Sporting Clube de Portugal no aumento do público feminino é explorado na segunda questão de investigação e por último, a terceira questão de investigação está diretamente relacionada com a pergunta de partida procurando perceber se existe ou não discriminação para com elementos femininos não só nos GOA, mas também na esfera social.

De forma a complementar os resultados obtidos através dos inquéritos por questionário, foi utilizado o método de observação participante para testar as hipóteses colocadas pela questão de partida. Este método permite uma análise etnográfica, na qual o investigador tem participação ativa na recolha de informações, sendo necessário que o mesmo se adapte ao ambiente em estudo (Pawlowski, Andersen, Troelsen & Schipperijn, 2016). O cruzamento entre a análise dos inquéritos e a observação participante tem como finalidade a compreensão diversificada dos problemas abordados e em alguns casos a indicação de novos problemas identificados (Mónico et al, 2017).

Este método permite uma análise etnográfica, na qual o investigador tem participação ativa na recolha de informações, sendo necessário que o mesmo se adapte ao ambiente em estudo (Pawlowski, Andersen, Troelsen & Schipperijn, 2016). O cruzamento entre a análise dos inquéritos e a observação participante tem como finalidade a compreensão diversificada dos problemas abordados e, em alguns casos, a exploração de novos problemas identificados (Mónico, 2017).

A observação participante de cariz etnológico tem como finalidade a análise de uma população durante um determinado período, participando na vida associativa dessa mesma população (Quivy, 1992: 23).

Assim, foram definidos dois espaços de observação para constatar e comparar com os resultados obtidos através dos inquéritos. Em primeiro lugar, definiu-se os jogos do Sporting Clube de Portugal como um palco fulcral para analisar comportamentos e normas presentes nos Grupos Organizados de Adeptos. O outro local escolhido para a investigação foram as sedes

dos GOA, localizadas no Estádio José de Alvalade. Cada grupo tem uma sede própria identificada com os seus símbolos, onde é feita a entrega e compra de bilhetes, venda de merchandising alusivo aos GOA, venda de bebidas e onde os elementos dos grupos convivem antes dos jogos.

A observação efetuada nos jogos disputados pelo Sporting Clube Portugal refere-se às partidas disputados pela equipa de futebol sénior masculina no Estádio José de Alvalade, independentemente da competição, entre o dia 18 de agosto e 26 de setembro. Desta forma, no total foram observados quatro jogos da equipa de futebol masculina e com o objetivo de recolher o maior número de dados possíveis para a investigação, dividiu-se a investigação a um GOA por jogo de futebol, dado que os GOA se encontram relativamente afastados entre si no Estádio José de Alvalade.

4.3 Inquérito por questionário

4.3.1.1 Perfil Sociodemográfico da Amostra

Como referido anteriormente, foram inquiridas 122 mulheres pertencentes aos Grupos Organizados de Adeptos² com idades compreendidas entre os 17 e 57 anos. A média de idades foi de aproximadamente 35 anos. No que concerne à escolaridade das inquiridas, foram dadas três opções, sendo elas: Ensino Básico (até ao 9º ano inclusive), Ensino Secundário (até ao 12º ano inclusive) e por último Ensino Superior (Licenciatura, Mestrado ou Doutoramento). Tendo em conta as respostas das inquiridas, verificou-se que 45,1% possui o Ensino secundário, 42,6% o Ensino Superior e 12,3% o Ensino Básico.

Escolaridade

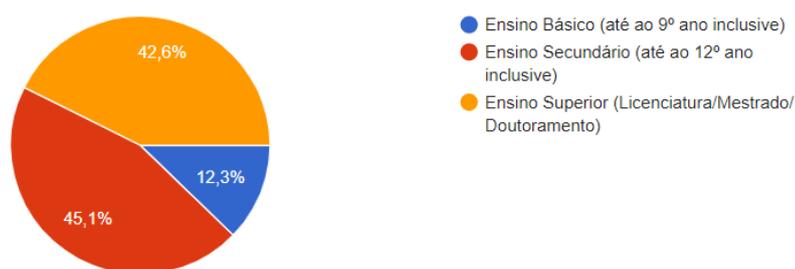


Figura 4.1 – Escolaridade

Fonte: Inquérito por Questionário

Autoria Própria

4.3.1.2 Identidade Ultra

As mulheres que fazem parte do GOA Directivo Ultras XXI foram as que mais contribuíram com a sua participação no inquérito contribuindo com 73% da amostra inquirida (tal como é visível na figura 4.2). Em seguida, 28 elementos femininos pertencentes à Juventude Leonina responderam ao inquérito, perfazendo 23% da amostra total. A Torcida Verde e a

² As presentes figuras resultam do inquérito efetuado aos membros femininos dos GOA do Sporting Clube de Portugal.

Brigada Ultras, contribuíram com 5 elementos femininos, sendo que apenas um pertencia à Brigada, totalizando 3,3% e 0,8% respetivamente.

A que GOA pertence?

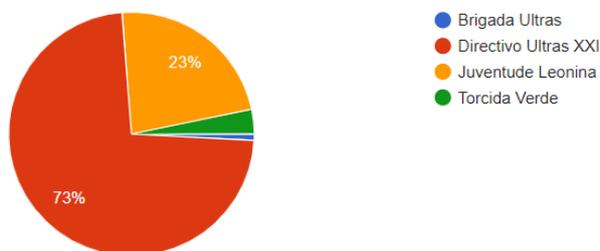


Figura 4.2 - A que GOA pertence?

Fonte: Inquérito por Questionário

Autoria Própria

Considerando a antiguidade no GOA por parte das inquiridas, é possível verificar que 61,5% faz parte do GOA entre 1 e 5 anos, sendo que 32,8% está há mais de 5 anos nesse mesmo GOA. Por último, 5,7% das inquiridas juntou-se no ano corrente aos GOA. Estes dados refletem as informações transmitidas pelas estruturas diretivas dos GOA que afirmam que nos últimos anos existiu um claro aumento de elementos femininos nos GOA.

Há quanto tempo faz parte deste GOA?

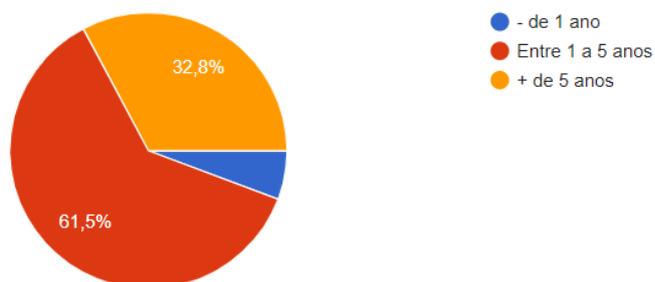


Figura 4.3 - Há quanto tempo faz parte deste GOA?

Fonte: Inquérito por Questionário

Autoria Própria

No que concerne à forma como as inquiridas tiveram conhecimento do GOA do qual fazem parte atualmente (figura 4.4), 77 elementos femininos responderam que foi através de familiares e amigos que conheceram o GOA perfazendo 63,1% da amostra total. Jenkins (Seabra, 2019) considerava que o agregado familiar era o ingrediente fulcral na criação de uma identidade e no âmbito da socialização, constatando que na fase inicial de vida do indivíduo, são transmitidos para os mesmos características socialmente identitárias que dificilmente se alterarão durante a vida adulta do mesmo. Kaufmann (2005) concordava com esta linha de pensamento, afirmando que o percurso biográfico do indivíduo, molda as suas escolhas facilitando determinadas opções e dificultando outras. Tendo em conta o tema analisado, Clarke (1978) associa este raciocínio à escolha de clube e grupo de apoio, visto que, segundo o mesmo, a história do clube, as suas conquistas, a importância do mesmo era transmitida na maioria das vezes pelo seio familiar.

Já 36 inquiridas responderam que a observação presencial foi o motivo pelo qual se juntaram aos GOA. As redes sociais foram o contributo para 6 inquiridas se juntarem aos GOA, enquanto os meios de opinião pública foram responsáveis por 3 inquiridas fazerem parte dos GOA.

Como conheceu o GOA do qual faz parte atualmente? (Selecione apenas uma opção).

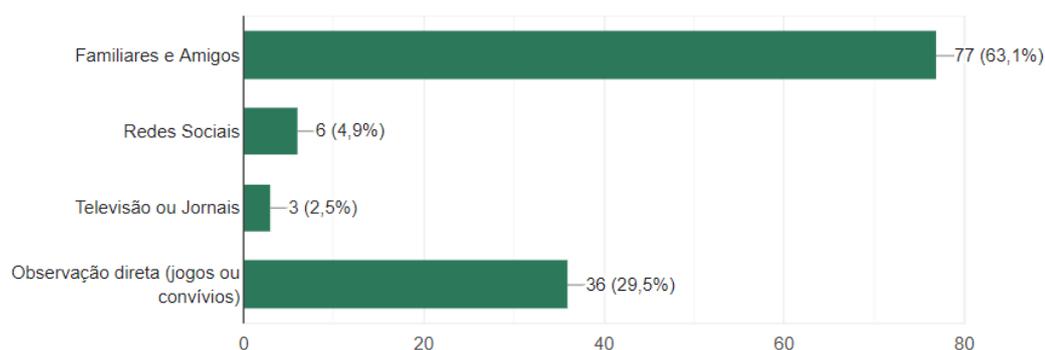


Figura 4.4 - Como conheceu o GOA do qual faz parte atualmente?

Fonte: Inquérito por Questionário

Autoria Própria

Para finalizar o capítulo da identidade ultra, inquiriu-se quais tinham sido as principais razões para integrar o GOA (figura 4.5), sendo que poderiam escolher até três opções das apresentadas no questionário. A resposta mais vezes dada foi, invariavelmente, o “Apoio incondicional ao clube”, sendo que das 120 inquiridas, 113 seleccionaram esta opção como uma das razões para pertencerem ao GOA. O vínculo ao clube por parte dos elementos dos GOA constitui uma forte ligação emocional, gerando práticas e ações específicas conforme o desempenho desportivo do clube (Vaz, 2018). Tal, não implica que, essa ligação esmoreça mediante fracas performances desportivas ou instabilidade institucional.

A opção seguinte mais escolhida foi “Novas Amizades” sendo que 72 pessoas escolheram esta razão como um dos motivos para a integração nos GOA. “Interesse pela Mentalidade Ultra”, “Interesse pelo GOA” e “Bilhetes mais baratos” foram as opções seguintes escolhidas com 63, 43 e 29 inquiridas respetivamente.

Das seguintes opções, seleccione qual/quais considera serem as principais razões para ter integrado o GOA ao qual pertence (Pode seleccionar até três opções).

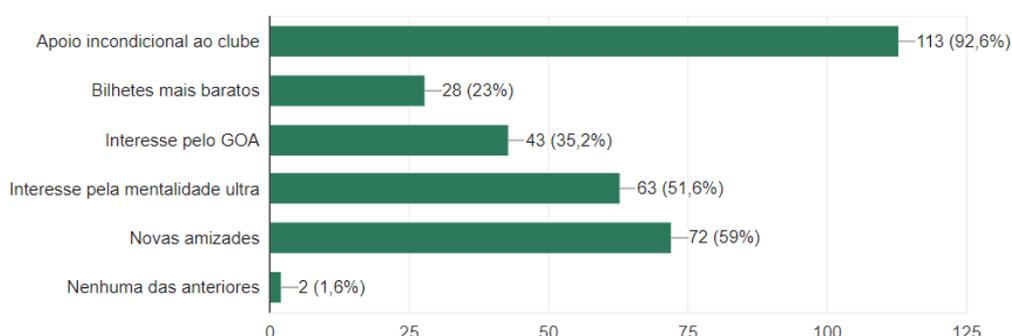


Figura 4.5 - Quais as principais razões para ter integrado o GOA?

Fonte: Inquérito por Questionário

Autoria Própria

4.3.1.3 Cargos e Funções

Neste capítulo, foram abordadas as funções desempenhadas pelos elementos do GOA, com principal incidência nos cargos atribuídos aos elementos femininos. O principal objetivo desta análise passa por compreender se existe ou não distinção por género nas funções atribuídas.

Quando questionadas em relação às funções que esperavam exercer quando entraram para o GOA ao qual pertence, 86,1% da amostra indicou que não esperava ter qualquer tipo de função. Houve ainda quem perspetivasse ter funções logísticas (10,7%) e administrativas (3,2%) dentro do GOA (figura 4.6).

Atualmente que funções desempenha no GOA?

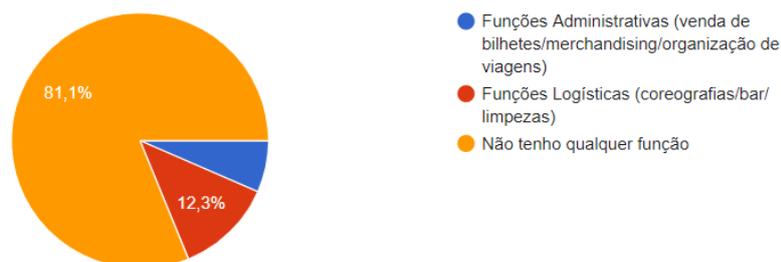


Figura 4.6 - Quais as funções que perspetivava ter quando entrou no GOA?

Fonte: Inquérito por Questionário

Autoria Própria

Relativamente às funções que as inquiridas desempenham atualmente no GOA, 81,1% indicaram não ter função (figura 4.7). As funções logísticas, nomeadamente, realização de coreografias, apoio ao bar e limpezas, são desempenhadas por 12,3% da amostra. As funções administrativas, como venda de bilhetes e merchandising, e organização de viagens, são desempenhadas por 6,6% das inquiridas.

Quando entrou no GOA, que funções perspetivava ter?

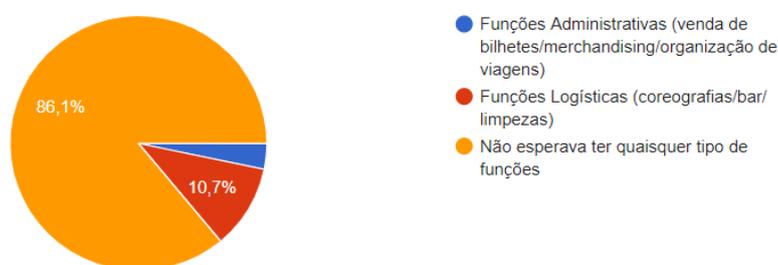


Figura 4.7 - Que funções desempenha atualmente?

Fonte: Inquérito por Questionário

Autoria Própria

O gráfico de barras acima (figura 4.8) corresponde à opinião das inquiridas face a quem desempenha determinadas funções, sendo estas: Bar, Secretaria, Venda de Merchandising e Limpezas.

Foram determinadas cinco opções de escolha de forma a caracterizar as funções por género sendo elas: “Exclusivamente elementos masculinos”; “Maioritariamente elementos masculinos”; “Elementos masculinos e femininos em igualdade”; “Maioritariamente elementos femininos”; “Exclusivamente elementos femininos”.

Como é possível visualizar, constata-se que em todas as tarefas representadas graficamente, com exceção do Bar (que, segundo os dados resultantes da amostra, são desempenhadas na maioria ou exclusivamente por elementos do sexo masculino – 74,6% das respostas do total da amostra), as inquiridas consideraram que as tarefas indicadas a seguir são desempenhadas na maioria ou exclusivamente por elementos femininos: Secretaria – 55%; Venda de Merchandising – 68,1%; Limpezas – 63,1%.

Caracteriza as seguintes tarefas, tendo em conta quem as realiza:

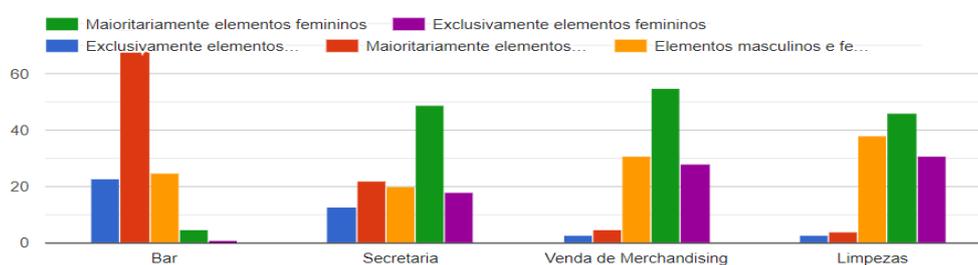


Figura 4.8 - Como caracteriza as seguintes tarefas?

Fonte: Inquérito por Questionário

Autoria Própria

Estes resultados atestam a manutenção de um sistema de poder patriarcal assente numa sociedade onde as diferenças fisiológicas entre os sexos são claramente irrelevantes e com o propósito de consciencializar as mulheres para papéis domésticos que são mais apropriados às mesmas (Pilcher e Whelehan, 2016).

Apesar da inserção das mulheres no mercado laboral, do acesso à educação e de mais oportunidades, as assimetrias no trabalho doméstico continuam a existir, sendo a mulher a maior responsável pelo trabalho doméstico, aludindo a um padrão tradicional onde o homem

tem como função a subsistência do casal e a mulher apesar de possuir vida profissional é a maior responsável pela generalidade da lide doméstica (Davis e Greenstein, 2013).

4.3.2 PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DOS ELEMENTOS FEMININOS

4.3.2.1 Inserção no GOA

Qualquer indivíduo que pretenda fazer parte dos GOA do Sporting Clube de Portugal, apenas tem como condição ser sócio e ter a quotização em dia do SCP. Cada GOA tem depois um conjunto de regras alusivo à identidade ultra, que deve ser cumprido por todos os integrantes, com risco do seu não cumprimento ditar a suspensão ou expulsão do mesmo (Seabra, 2019: 438). Foi possível confirmar com as direções dos GOA que não existe qualquer discriminação com base no género, religião, idade ou raça, sendo que, atendendo à observação participante, bem como o objetivo da investigação realizada, foi possível identificar em todos os GOA elementos femininos.

Considera que existe uma preocupação por parte da Direção do GOA e dos restantes elementos em integrar os novos elementos femininos?

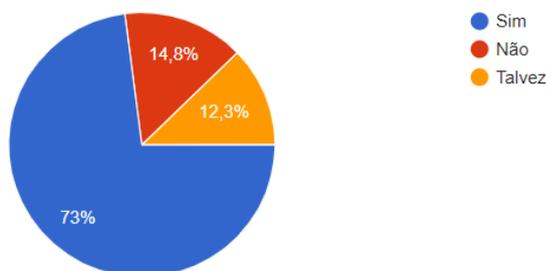


Figura 4.9 - Existe uma preocupação em integrar novos elementos femininos?

Fonte: Inquérito por Questionário

Autoria Própria

Como é possível verificar pela figura 4.9, 73% da amostra considera que existe preocupação da parte da estrutura do GOA em integrar os novos elementos femininos, bem como dos indivíduos que o constituem. No oposto, 14,8% pessoas consideram que essa

preocupação não existe, enquanto 12,3% considera que talvez haja cuidado na integração de novos elementos femininos.

Como classifica no presente a sua integração no GOA ao qual pertence, numa escala de 1 a 5, em que 1 é "Nada Integrada" e 5 "Totalmente Integrada"?

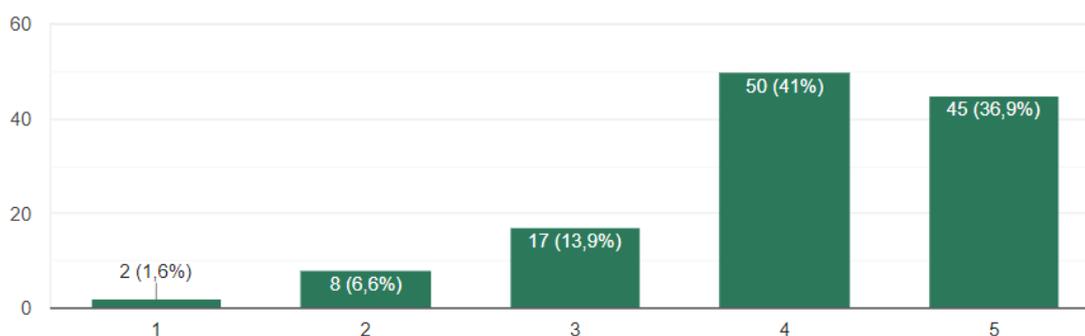


Figura 4.10 - Como considera a sua integração dentro do GOA?

Fonte: Inquérito por Questionário

Autoria Própria

De forma a compreender o processo de inclusão dos elementos femininos no GOA, foi questionado junto da amostra o quanto ou não as inquiridas se consideravam integradas no GOA. Posto isto, desenvolveu-se uma escala de 1 a 5, em que 1 era “Nada Integrada” e 5 “Totalmente Integrada”, sendo que os resultados podem ser visualizados na figura 4.10.

Apenas 2 pessoas escolheram a opção “Nada Integrada”, enquanto 45 pessoas consideraram que se encontram “Totalmente integradas” no GOA ao qual pertencem. 50 pessoas escolheram a opção “Muito Integrada” enquanto 8 escolheram a opção “Pouco Integrada”. Por último a opção “Integrada” foi escolhida por 17 inquiridas. Os resultados revelam, tal como foi possível verificar no Gráfico 4.10, que, não só existe uma preocupação da parte da estrutura diretiva do GOA em integrar os novos elementos femininos, bem como esses mesmos elementos se sentem integrados, na sua maioria, nos GOA.

4.3.2.2 Inserção no clube

Recentemente, o Sporting Clube de Portugal publicou o Plano para a Igualdade – Ano 2020, onde reafirma a necessidade de uma instituição centenária com mais de 3,5 milhões de adeptos, liderar o caminho para a Igualdade de Género na sociedade portuguesa. Segundo os dados partilhados pelo clube, entre staff, técnicos e atletas, encontram-se 81 mulheres num total de 338 funcionários, perfazendo 24%. O compromisso assumido pelo clube neste Plano para a Igualdade consiste em primeiro lugar, na estrutura diretiva contar com o mesmo número de mulheres e homens, bem como modernizar os recrutamentos de funcionários, criando normas que possibilitem igualdade de oportunidades independentemente do género.

Considera que o Sporting Clube de Portugal, enquanto instituição, promove a integração de elementos femininos nas bancadas?

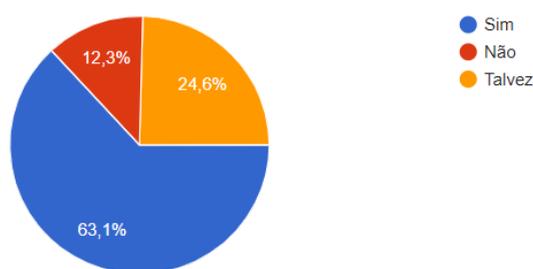


Figura 4.11 - Considera que o Sporting promove a integração de elementos femininos?

Fonte: Inquérito por Questionário

Autoria Própria

Desta forma, tendo em conta o meio social investigado, averiguou-se junto da amostra se consideravam que o SCP promovia ativamente a integração de elementos femininos nas bancadas (figura 4.11). Analisando as respostas, verifica-se que 63,1% considera que o clube tem o cuidado de estimular a integração dos elementos femininos, enquanto apenas 12,3% afirma que essa preocupação não subsiste.

4.3.3 DISCRIMINAÇÃO DE GÉNERO

4.3.3.1 Comportamentos nos GOA

Este capítulo teve como finalidade analisar precisamente a existência ou não de episódios de discriminação dentro dos GOA, bem como por quem foram perpetuados. A análise efetuada neste capítulo foi a mais relevante para a resposta à questão de partida, contudo importa ressaltar primeiro que o fenómeno da discriminação de género, seja em que meio social for, é demasiado profundo e plurifacetado, sendo que qualquer análise teórica será sempre insuficiente para o clarificar (Seabra, 2019).

Armstrong (1998) concordava com esta narrativa, afirmando ser impossível analisar este tipo de fenómenos sociais, sem uma prolongada observação participante, analisando o discurso dos intervenientes, procurando entender as circunstâncias e a interpretação que os mesmos faziam das suas ações.

Já presenciou ou foi alvo de comentários discriminatórios ou depreciativos para com mulheres?

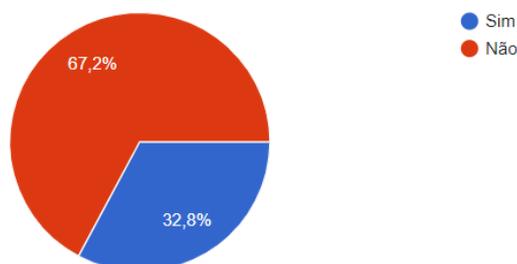


Figura 4.12 - Já presenciou comentários discriminatórios para com mulheres?

Fonte: Inquérito por Questionário

Autoria Própria

Analisando a figura 4.12, constata-se que do universo de amostra 40 mulheres responderam que já foram vítimas ou presenciaram comportamentos discriminatórios nos GOA. Contrariamente, 82 mulheres afirmaram que nunca foram vítimas deste tipo de comportamentos, bem como nunca os presenciaram. Os dados são reveladores da existência de comportamentos desviantes no seio dos GOA, podendo os mesmos estarem ligados à materialização de normas

tradicionalmente masculinas, relacionadas com o poderio físico e virilidade (Marivoet, 2012: 2).

Se respondeu que "Sim" na pergunta anterior, identifique os autores dos comentários:

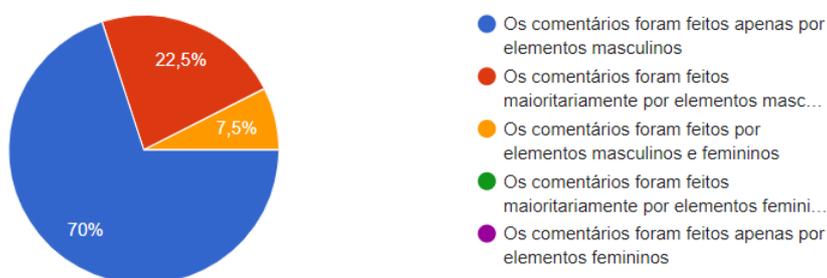


Figura 4.13 - Identifique quem foram os autores

Fonte: Inquérito por Questionário

Autoria Própria

No seguimento do que foi referido anteriormente, foi solicitado aos elementos femininos que já tinham sido vítimas ou presenciaram comportamentos discriminatórios, que identificassem os autores dessas ações. Mais uma vez, como é possível verificar pela figura 4.13, o mesmo é bastante esclarecedor em apontar os autores dos atos discriminatórios referidos anteriormente. Assim, das 40 mulheres que presenciaram ou foram vítimas destes atos, 28 referiram que os elementos masculinos foram os únicos responsáveis por estes comportamentos. 9 mulheres afirmaram que a maioria dos responsáveis pelos atos descritos são elementos masculinos, enquanto apenas 3 responsabilizaram de igual modo os elementos masculinos e femininos pelas ações descritas.

Não obstante o acima referido, importa salientar que, tal como é possível verificar na figura 4.14, 77,9% das inquiridas neste estudo, afirmaram que quando entraram para o GOA ao qual pertencem atualmente, não tinham receio de serem discriminadas. Tal, pode ser explicado pelo sentimento de inclusão transmitido pelos GOA, devido aos objetivos comuns inerentes aos mesmos, como por exemplo apoiar o clube, tirando benefício da identidade coletiva dos GOA que impulsiona o processo de socialização (Kaufmann, 2005).

Quando entrou para o GOA, ao qual pertence atualmente, tinha receio de ser discriminada por ser mulher?

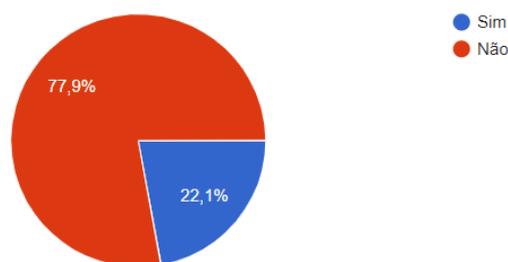


Figura 4.14 - Quando entrou para o GOA tinha receio de ser discriminada?

Fonte: Inquérito por Questionário

Autoria Própria

4.3.3.2 Vida Pessoal e Profissional

A última vertente de análise consiste na existência de estereótipos, não só de género, relacionados com a associação aos GOA. Segundo alguns autores como Bromberger (1995), os GOA são qualificados como “tribos urbanas”, tendo em conta as suas atitudes frenéticas, associação primitiva coletiva e em alguns casos comportamentos que podem ser classificados como selvagens. Armstrong (1998) concordava com esta abordagem exemplificando com o estudo de caso, realizado pelo mesmo, aos adeptos do Sheffield United. No entanto, Pais e Blass (2004) refutam esta teoria, alegando: “Essa corrosão de sentidos é posta em relevo ao compararmos diferentes usos da noção de “tribo” em contextos temporais diferentes, quando valorizamos o poder alusivo da metáfora, esquecendo os seus desvios “alusivos” (Pais e Blass, 2004: 12).

Desta forma, questionou-se as inquiridas se no meio profissional ou pessoal já vivenciaram algum episódio de discriminação ou comentário por estarem associadas a um GOA. Os resultados obtidos nesta pergunta foram bastante esclarecedores, no sentido que, apenas 24,6% das inquiridas referiu que não tinha sido alvo de qualquer tipo de discriminação, sendo que 34,4% refere que foi no seio familiar ou entre amigos que tal aconteceu. No âmbito profissional, 12,3% refere que já foi alvo de discriminação enquanto 28,7% refere que já sofreu discriminação na vida pessoal e profissional, tal como a figura 4.15 demonstra.

Na sua vida pessoal ou profissional, já foi alvo de algum tipo de discriminação ou comentários por pertencer a um GOA?

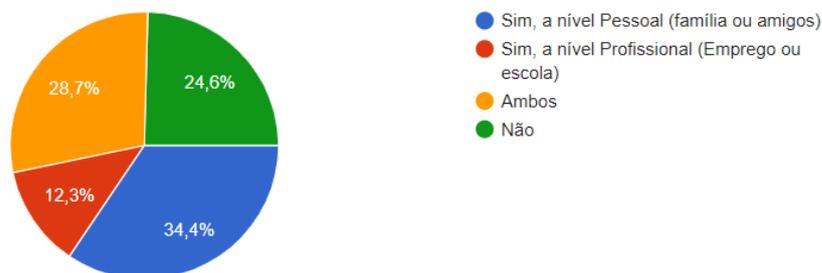


Figura 4.15 - Já foi discriminada na vida pessoal/profissional por pertencer a um GOA?

Fonte: Inquérito por Questionário

Autoria Própria

4.4 Observação Participante

O primeiro jogo disputado ocorreu no dia 18 de agosto às 21 horas, entre Sporting Clube de Portugal – Sporting Clube de Braga, que contou com 35 692 espetadores. A bancada onde se situam os GOA estava bastante composta, sendo este um jogo com alguma importância dada a rivalidade existente entre ambos os clubes.

Neste jogo, o GOA observado foi a Brigada Ultras, sendo este o grupo mais recente. De referir que o local onde cada grupo se concentra na bancada encontra-se devidamente referenciado por uma ou mais tarjas com o nome do grupo. O setor alusivo à Brigada Ultras encontrava-se bem composto contando com cerca de 150 elementos. Foi possível verificar que na parte superior do setor encontravam-se sete mulheres sendo que uma delas envergava uma bandeira com a inscrição “Brigada Girls”. Tal como os restantes elementos do grupo, este grupo de mulheres entoava os cânticos comandados pelo “capo” (elemento fulcral em todos os GOA, responsável por comandar os cânticos durante o jogo), ostentava roupa alusiva ao clube e GOA, como cachecóis e camisolas e em vários momentos, a par dos restantes, gritavam impropérios e insultos contra a equipa adversária ou contra a arbitragem. Neste setor encontravam-se ainda quatro mulheres espalhadas pela bancada que adotavam os comportamentos acima referidos.

O jogo seguinte opôs o Sporting ao Rio Ave no dia 31 de agosto às 19 horas. Neste jogo a observação ocorreu na Juventude Leonina, sendo este o primeiro e maior GOA do Sporting Clube de Portugal. O setor reservado à Juventude Leonina estava bastante preenchido, sendo visível também a presença de muitos elementos femininos (entre os 35 e 50). Ao contrário do que acontecia na Brigada, as mulheres encontravam-se espalhadas pela bancada, não existindo qualquer aglomeração das mesmas em alguma zona do setor. Contudo, também ostentavam merchandising da claque, sendo que a maior parte possuía as seguintes siglas “Juve Leo Girls” ou “Girls 1976”. Durante o jogo acompanharam os cânticos dos restantes elementos, tendo sido bastante efusivas, a par dos indivíduos masculinos, quando festejaram os dois golos da partida.

No dia 23 de setembro, o Sporting jogou contra o recém-promovido Famalicão às 21h. Neste jogo a observação decorreu no setor correspondente ao GOA Directivo Ultras XXI. A par da Brigada denotou-se uma patente agregação de elementos femininos na parte superior da bancada, devidamente identificadas com uma bandeira com a indicação “DUXXI LADIES”. Na generalidade, os elementos femininos possuíam merchandising alusivo a esta inscrição, principalmente camisolas e cachecóis. No resto da bancada os elementos femininos presentes estavam espalhados ao longo da mesma.

Por último, no dia 26 de setembro, pelas 20 horas, o Sporting disputou um jogo para a taça da liga novamente contra o Rio Ave. A Torcida Verde, foi o GOA observado neste jogo, sendo que marcaram presença pouco mais do que 70 elementos neste jogo. Estavam presentes 12 mulheres que se encontravam espalhadas pela bancada. Ao contrário do que aconteceu nos outros GOA, na Torcida Verde os elementos femininos não ostentavam qualquer merchandising que identificasse o género ou mesmo o GOA ao qual pertenciam.

No que concerne à observação efetuada nas sedes dos GOA, apenas Torcida Verde e Directivo Ultras XXI acederam a esse pedido, sendo que Juventude Leonina e Brigadas Ultras forneceram razões semelhantes para a não aceitação deste pedido, alegando que a sede se caracterizava por ser um espaço de convívio, reservado apenas aos sócios da própria claque. Assim sendo, a observação dividiu-se em dois períodos de uma hora em cada GOA que forneceu acesso à sua sede.

No dia 18 e 31 de agosto, a observação centrou-se na sede do Directivo Ultras XXI durante um período de uma hora. A primeira parte centrou-se na zona da secretaria onde é efetuada a venda e distribuição de bilhetes e o merchandising do GOA. Na secretaria estavam três elementos femininos do GOA, sendo que dois estavam responsáveis pela venda e distribuição de bilhetes, enquanto o outro elemento efetuava a venda de merchandising. Na segunda parte da observação, a mesma centrou-se na zona de convívio da sede onde se situa o bar. No bar, encontravam-se dois elementos masculinos a servir bebidas e um elemento feminino que se encontrava a fazer tarefas de limpeza na parte interior do bar. Era também este elemento feminino, que na zona de convívio recolhia os copos e efetuava a limpeza dessa mesma zona. A sede estava composta em larga maioria por elementos masculinos, sendo que os elementos femininos, na sua maioria, estavam reunidos em grupos só de mulheres.

A observação na sede da Torcida Verde ocorreu no dia 23 e 26 de setembro também com a duração de uma hora. A sede da Torcida Verde caracteriza-se por ser bastante pequena estando dividida em duas zonas: a entrada onde se encontrava a secretaria e uma segunda zona onde se situava uma pequena banca onde servem bebidas. Na secretaria encontravam-se dois elementos masculinos a efetuar a venda de bilhetes e um elemento feminino a efetuar venda de merchandising, enquanto no bar encontrava-se um elemento masculino a servir bebidas. Dentro da sede apenas encontravam-se dois elementos femininos a levantar bilhetes.

Com o intuito de explicar os comportamentos presenciados durante a observação participante, foi desenvolvida uma tabela (tabela 4.3) onde estão representados esses mesmos comportamentos, bem como os seus autores e exemplos.

Comportamentos/ Responsabilidades	Autores/Responsáveis	Observação/Exemplos
Discriminação	Homens	<ul style="list-style-type: none"> - As posições privilegiadas da bancada encontram-se restritas não só aos membros mais velhos do GOA, bem como apenas aos homens; - As últimas pessoas a entrar no estádio são as mulheres da estrutura do GOA que fecham as sedes e entregam os últimos bilhetes.
Ofensas aos adversários e equipa arbitragem	Homens e Mulheres	<ul style="list-style-type: none"> - “Paneleiro”; “Rabolho”; “Filho da p*ta”; “A tua mãe é um homem”.
Limpeza da Sede	Mulheres	<ul style="list-style-type: none"> - As limpezas das zonas comuns da sede, tanto quanto foi possível verificar, foram sempre efetuadas por elementos femininos; - A limpeza das casas de banho, fossem elas masculinas ou femininas, eram também asseguradas por mulheres.
Venda de Bilhetes	Homens e Mulheres	<ul style="list-style-type: none"> - Na sede do Directivo a venda de bilhetes foi da exclusiva responsabilidade das mulheres; - Na sede da Torcida a venda de bilhetes foi efetuada por dois elementos masculinos e um feminino.
Bar	Homens	<ul style="list-style-type: none"> - Nas duas sedes observadas a venda de bebidas era assegurada por elementos masculinos, sendo que as mulheres apenas entravam na zona do bar quando era necessário efetuar algum tipo de limpeza.
Venda de Merchandising	Mulheres	<ul style="list-style-type: none"> - Em ambas as sedes, a venda de merchandising era assegurada por elementos femininos.

Tabela 4.3 - Quadro observação participante

Autoria Própria

A observação participante realizada permitiu, não só adquirir novos dados, bem como constatar os dados adquiridos através dos inquéritos por questionário realizados. Assim, foi possível confirmar que existiam funções/responsabilidades atribuídas apenas a elementos femininos, como por exemplo, a limpeza das sedes. Tal como referido anteriormente, a atribuição destas responsabilidades exclusivamente a elementos femininos, obedece a estereótipos patriarcais, onde a mulher é responsável pela lide doméstica e a atividades em que a força física não predomina (Pilcher e Whelehan, 2016).

No que concerne à linguagem usada durante os jogos, foi possível constatar que uma grande parte das ofensas proferidas pretendia efeminar os seus alvos. Assim, é atestada a ridicularização do papel feminino no meio desportivo, propagada não só por homens, mas também por mulheres:

“(...) atribui papéis sociais, valores e capacidades em função do sexo com valorização social de um sexo sobre o outro. Historicamente a supremacia tem sido masculina pelo que a linguagem sexista desvaloriza e desclassifica as mulheres.” (Jacinto, Elisabete et al., 2015: 18)

5. CONCLUSÃO

A presente Dissertação de Mestrado teve como finalidade analisar os comportamentos de género adotados dentro dos Grupos Organizado de Adeptos do Sporting Clube de Portugal, procurando, através de uma investigação quantitativa e qualitativa identificar a existência ou não de discriminação de género nestes grupos.

Não obstante as reconhecidas capacidades inclusivas do meio desportivo na origem de laços de sociabilidade e na promoção da solidariedade e entreaajuda, as práticas discriminatórias continuam a ser parte integrante do meio desportivo, sendo este um reflexo das normas sociais vigentes na sociedade onde está inserido (Marivoet, 2016). Tendo em conta este pressuposto, bem como a comprovada existência de discriminação de género em Portugal, sendo as mulheres as mais afetadas por estes comportamentos (Brandão, 2008; Faria, 2015; Marivoet, 2016; Pfister, 2015; Vigani, 2016), procurou-se compreender que comportamentos ocorriam dentro dos grupos sociais associados ao fenómeno dos GOA.

No que concerne à constituição dos GOA do SCP, estes são compostos na sua maioria por elementos masculinos, representando 86,98% da população total. Tal, pode ser explicado pela permanência de estereótipos de género presentes no meio desportivo que contribuem para que este se permaneça como um meio maioritariamente masculino, excluindo a participação de elementos femininos, atribuindo uma conotação negativa caso a mesma aconteça. Assim, estas normas presentes nas redes de sociabilidade orientam as mulheres, desde cedo, para fora do meio desportivo (Jacinto, Elisabete et al., 2015).

Contudo, importa referir que as redes de sociabilidade são a principal razão da integração de elementos feminino nos GOA do Sporting Clube de Portugal. 63,1% da amostra inquirida indicou que foram familiares e amigos que apresentaram o GOA do qual fazem parte atualmente. Seabra (2019) refere a importância do agregado familiar e dos laços de amizade na criação de uma identidade que dificilmente será alterada durante a existência do indivíduo e na transmissão de características sociais, influenciando as suas escolhas.

Analisando os dados referentes à observação participante, tendo em conta que apenas foi possível estar no interior de duas sedes dos GOA, não foi possível constatar na totalidade se

as funções e tarefas eram atribuídas consoante o género, tendo por base estereótipos enraizados na sociedade portuguesa (Faria, 2015). Contudo, considerando as duas sedes observadas, foi possível verificar que as respostas dadas pelas inquiridas, correspondem aos papéis atribuídos a homens e mulheres nos GOA, ou seja, as funções de limpeza, secretaria e venda de merchandising estavam, na sua maioria, entregues a mulheres, enquanto a venda de bebidas era efetuada maioritariamente por homens. Tal corresponde aos papéis sociais representativos de cada género (Pilcher e Whelehan, 2016). Apesar de as mulheres constituírem mais de metade da população laboral, existem campos profissionais onde a segregação de género está latente, como por exemplo as funções de secretaria e limpezas. No mundo empresarial, este tipo de cargos é recorrentemente associado a uma posição inferior de poder, sendo que é maioritariamente praticado por mulheres (Oswald, 2008).

Ora, o isolamento das mulheres está presente nas próprias bancadas do estádio, onde foi possível verificar que, em três dos quatro GOA, além da indumentária identificativa de género, verificou-se o posicionamento das mulheres na parte superior da bancada. Ao invés, os homens estavam posicionados nas partes inferiores da bancada, sendo estas posições de comando, dado que é a partir daqui que se coordena os movimentos e cânticos para o resto da bancada, concluindo assim que, desta forma, as mulheres estavam afastadas das zonas de poder.

Atendendo aos comportamentos discriminatórios de género, 40 mulheres do universo de amostra afirmaram que já presenciaram ou foram vítimas destes atos, sendo que a maioria deles teve autoria masculina. Foi possível através da observação participante presenciar alguns comentários, que se inserem no androcentrismo, ou seja, o meio social investigado é dominado pela perspetiva masculina, sendo esta a responsável pela aplicação e cumprimento das normas sociais vigentes (Jacinto, Elisabete et al., 2015)

Fazendo referência à questão de partida definida neste estudo, “Existe discriminação de Género nos Grupos Organizados de Adeptos do Sporting Clube de Portugal?”, é possível afirmar que ela existe e evidencia um reflexo de normas e comportamentos de uma sociedade patriarcal, latentes em todas as dimensões do meio social (Oswald, 2008). A vertente económica é usada frequentemente como desculpa para a masculinização do desporto, isto é, se a generalidade do público prefere o meio desportivo composto principalmente por homens, então

os lucros apenas existirão se existir uma maioria masculina, impedindo assim o acesso e reconhecimento das mulheres (Marivoet, 2016). Contudo, importa referir que, de forma a entender a amplitude do problema aqui investigado, serão necessárias outras abordagens exploratórias, sendo importante perceber a perspetiva masculina no que concerne à discriminação de género existente nos GOA do Sporting Clube de Portugal, bem como perceber os seus antecedentes. Esta investigação, tal como outras que abordaram a temática dos GOA, teve algumas dificuldades em recolher os dados necessários, visto o estudo centrar-se em grupos fechados com normas e comportamentos próprios. Importa, no entanto, salientar, que existiu disponibilidade da parte da direção dos quatro GOA em disponibilizar as informações necessárias para a investigação.

6. BIBLIOGRAFIA

- Alvarez, Teresa, Vieira, Cristina C., & Ostrouch-Kamińska, Joanna. (2017), “Género, Educação e Cidadania: Que «Agenda» para a Investigação Científica e para o Ensino e a Formação?”, Ex aequo, (Online) (36), 9-22, Disponível em: <https://dx.doi.org/10.22355/exaequo.2017.36.01>.
- Amâncio, Lígia (1992), *Masculino e Feminino. A Construção Social da Diferença*, Porto, Edições Afrontamento.
- Armstrong, Garry (1998), *Football Hooligans. Knowing the score*, Oxford, Berg.
- Bourdieu, Pierre (2012), *A dominação masculina*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- Brandão, A , M (2008) “Dissidência sexual, género e identidade”, Atas do VI Congresso Português de Sociologia Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia (cd-rom).
- Bromberger, Christian (1992), "Pour une ethnologie du spectacle sportif. Les matchs de football à Marseille, Turin et Naples", em Vers une ethnologie du présent, Paris, Maisondes Scienses de l'homme, 211-243.
- Burr, V. (1995), *An introduction to Social Constructionism*, London, Routledge.
- Clarke, John (1978), "Football and Working Class fans: tradition anda change", em Roger Ingham et al, *Football Hooliganism. The wider context*, London, Inter action Inprint.
- Davis, S. & Gergen, M. (1997), *Toward a new psichology of gender. Opening Conversations*, New York, Routledge.
- Davis, S.N. and Greenstein, T.N. (2013). “Why study housework? Cleaning as a window into power in couples”, *Journal of Family Theory & Review* 5: 63–71. (Online) Disponível em: doi:10.1111/jftr.12004.
- Dunning, E. G., Murphy, P., e Williams J. (1988) *The roots of Football Hooliganism*, Londres, Routledge.
- Elias, Norbert e Eric Dunning (1992), *A busca da Excitação*, Lisboa, Difusão Editorial.
- Faria, Sofia Grilo (2015), *Discriminação de Género e Construção das Masculinidades nos Contextos de Trabalho: O Caso da Engenharia Civil*, Dissertação de Mestrado em Gestão de Recursos Humanos, Escola de Economia e Gestão, Universidade do Minho.
- Howard, J. A. & Hollander, J. (1997), *Gendered situations, Gendered Selves*. London, Sage Publications.
- Jacinto, Elisabete et al. (2015), *A igualdade de género no desporto*, Lisboa, Estrelas de Papel Lda.
- Jiménez, Ana Luisa & Hardy, Ellen (2001) "Masculinidad y Género", *Revista Cubana Salud Pública*, v.27, nº2, citado por Faria, Sofia Grilo (2015), *Discriminação de Género e Construção das Masculinidades nos Contextos de Trabalho: O Caso da Engenharia Civil*, Dissertação de Mestrado em Gestão de Recursos Humanos, Escola de Economia e Gestão, Universidade do Minho.
- Jodelet, Denise (1989), *Les représentations sociales: un domaine en explanation*, Paris, PUF.
- Kaufmann, Jean-Claude (2005), *A invenção de si. Uma teoria da identidade*, Lisboa, Instituto Piaget.

- Lucifora, Claudio e Daria Vigani (2016), "What If Your Boss Is a Woman? Work Organization, Work-Life Balance and Gender Discrimination at the Workplace", IZA Discussion Paper Series, nº 9737.
- Marivoet, Salomé (2016), "A inclusão social através do desporto: Novos desafios na intervenção social", Lisboa, Lusíada Intervenção Social.
- Mónico, Lisete et al. (2017) "A observação Participante enquanto metodologia de Investigação qualitativa", Iv. 3: Atas - Investigação Qualitativa em Ciências Sociais.
- Nogueira, C. & Taveira M. C. (2004), Estudos de Género e Psicologia Vocacional: Confronto de teorias e implicações para a intervenção vocacional, Coimbra, Almedina.
- Oswald, D. L. (2008), "Gender stereotypes and women's reports of liking and ability in traditionally masculine and feminine occupations", *Psychology of Women Quarterly*, 32(2), 196-203.
- Pais, José Machado e Blass, Leila (2004), *Tribos Urbanas. Produção artística e Identidades*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Pawlowski, C. S. et al. (2016). "Children's physical activity behavior during school recess: A pilot study using GPS, accelerometer, participant observation, and go-along interview", *Plos One*, 11(2), e0148786, (Online) disponível em: doi:10.1371/journal.pone.0148786.
- Pearson, Geoffrey (1984), *Hooligan. A History of Respectable Fears*, New York, Schocken Books.
- Pfister, Gertrud (2015), "Assessing the sociology of sport: On women and football", *International Review for the Sociology of Sport* (Online), Vol. 50, 563-569, disponível em sagepub.co.uk/journalsPermissions.nav DOI: 10.1177/1012690214566646.
- Pilcher, J., & Whelehan, I. (2017). *Key concepts in gender studies*, Londres, Sage.
- Podaliri, Carlo e Balestri, Carlo (1998), "The Ultras, Racism and Football Culture in Italy", em Adam Brown, *Fanatics! Power, identity and fandom in football*, London and New York, Routledge.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Rothman, R. A. (2015). *Inequality and stratification: Race, class, and gender*, London, Routledge.
- Roversi, António e Balestri, Carlo (2002), "Italian ultras today: change or decline?", em Eric Dunning et al, *Fighting fans, Football Hooliganism as a World Phenomenon*, Dublin, University College Dublin Press, 131-142.
- Seabra, Daniel (2019), *Claques de Futebol: O teatro das nossas realidades*, Porto, Edições Afrontamento.
- Serrano, G. (2004). "Investigación cualitativa. retos e interrogantes – I. Métodos", Madrid, La Muralla.
- Taherdoost, H. (2016), "Sampling Methods in Research Methodology; How to Choose a Sampling Technique for Research", *International Journal of Advance Research in Management*, 5(2), 18-27.
- Vaz, Sandra A. B. (2018) *A profundidade da relação adepto-clube: do Brand Love ao Fancrifice*, Dissertação de Mestrado em Marketing e Estratégia, Escola de Economia e Gestão, Universidade do Minho.
- Wilson, D. (2004), "Human Rights: Promoting Gender Equality in and through education", *Quarterly Review of Comparative Education*, v34 nº1.

Woodward, Kath e Sophie Woodward (2015), “Gender Studies and interdisciplinarity”, Palgrave Communications, disponível em: DOI: 10.1057/palcomms.2015.18.

Yamane, Taro. (1967), “Statistics, An Introductory Analysis”, New York: Harper and Row.

Young-Bruehl, (2010) “Sexual Diversity in Cosmopolitan perspective”, Studies in gender and sexuality (11), 1-9, DOI: 10.1080/15240650903445765.

ANEXO A – INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Questões de Género nos GOA do SCP

Este questionário faz parte de um estudo sobre práticas e atitudes de género dentro dos Grupos Organizados de Adeptos e, particularmente, procura compreender quais as funções, tarefas, e integração do colectivo feminino dentro desses grupos. O trabalho está integrado numa dissertação de mestrado sobre este tema.

O questionário, anónimo e confidencial, dirige-se a mulheres de todas as idades que pertençam aos GOA do Sporting Clube de Portugal.

A duração do questionário é de aproximadamente 4 minutos.

Agradeço a colaboração. Sem a vossa participação, estes estudos são impossíveis de se realizar.

*Obrigatório

Questões de Género nos GOA do SCP

Caraterização Pessoal

1. **Idade ***

2. **Escolaridade ***

Marcar apenas uma oval.

- Ensino Básico (até ao 9º ano inclusive)
- Ensino Secundário (até ao 12º ano inclusive)
- Ensino Superior (Licenciatura/Mestrado/Doutoramento)

3. **Estado Civil ***

Marcar apenas uma oval.

- Solteira
- Casada/União de facto
- Divorciada
- Viúva

4. **Número de Filhos ***

Marcar apenas uma oval.

- 0 Filhos
- 1-2 Filhos
- 3 ou mais Filhos

Grupo Organizado de Adeptos

Conjunto de adeptos, filiados ou não numa entidade desportiva, tendo por objecto o apoio a clubes, a associações ou a sociedades desportivas.

5. A que GOA pertence? *

Marcar apenas uma oval.

- Brigada Ultras
- Directivo Ultras XXI
- Juventude Leonina
- Torcida Verde

6. Há quanto tempo faz parte deste GOA? *

Marcar apenas uma oval.

- de 1 ano
- Entre 1 a 5 anos
- + de 5 anos

7. Já pertenceu a outro GOA? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

8. Como conheceu o GOA do qual faz parte atualmente? (Selecione apenas uma opção). *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Familiares e Amigos
- Redes Sociais
- Televisão ou Jornais
- Observação direta (jogos ou convívios)

9. Das seguintes opções, selecione qual/quais considera serem as principais razões para ter integrado o GOA ao qual pertence (Pode selecionar até três opções). *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Apoio incondicional ao clube
- Bilhetes mais baratos
- Interesse pelo GOA
- Interesse pela mentalidade ultra
- Novas amizades
- Nenhuma das anteriores

Discriminação de género

Consiste numa ação verbal ou não verbal cujo tratamento é diferenciado (inferiorizado) a uma pessoa ou grupo de pessoas de determinado sexo.

10. **Como considera o número de mulheres existentes no GOA ao qual pertence? ***

Marcar apenas uma oval.

- É constituído só por elementos femininos
- Tem bastantes elementos femininos
- Tem elementos femininos suficientes
- Tem poucos elementos femininos
- Não tem elementos femininos

11. **Considera que existe uma preocupação por parte da Direção do GOA e dos restantes elementos em integrar os novos elementos femininos? ***

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez

12. **Já presenciou ou foi alvo de comentários discriminatórios ou depreciativos para com mulheres? ***

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

13. **Se respondeu que "Sim" na pergunta anterior, identifique os autores dos comentários:**

Marcar apenas uma oval.

- Os comentários foram feitos apenas por elementos masculinos
- Os comentários foram feitos maioritariamente por elementos masculinos
- Os comentários foram feitos por elementos masculinos e femininos
- Os comentários foram feitos maioritariamente por elementos femininos
- Os comentários foram feitos apenas por elementos femininos

14. **Caracteriza as seguintes tarefas, tendo em conta quem as realiza: ***

Marcar apenas uma oval por linha.

	Exclusivamente elementos masculinos	Maioritariamente elementos masculinos	Elementos masculinos e femininos em igualdade	Maioritariamente elementos femininos	Exclusivamente elementos femininos
Bar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Secretaria	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Venda de Merchandising	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Limpezas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

15. Como classifica no presente a sua integração no GOA ao qual pertence, numa escala de 1 a 5, em que 1 é "Nada Integrada" e 5 "Totalmente Integrada"? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada Integrada	<input type="radio"/>	Totalmente Integrada				

16. Quando entrou no GOA, que funções perspectivava ter? *

Marcar apenas uma oval.

- Funções Administrativas (venda de bilhetes/merchandising/organização de viagens)
- Funções Logísticas (coreografias/bar/limpezas)
- Não esperava ter quaisquer tipo de funções

17. Atualmente que funções desempenha no GOA? *

Marcar apenas uma oval.

- Funções Administrativas (venda de bilhetes/merchandising/organização de viagens)
- Funções Logísticas (coreografias/bar/limpezas)
- Não tenho qualquer função

18. Quando entrou para o GOA, ao qual pertence atualmente, tinha receio de ser discriminada por ser mulher? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

19. Na sua vida pessoal ou profissional, já foi alvo de algum tipo de discriminação ou comentários por pertencer a um GOA? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, a nível Pessoal (família ou amigos)
- Sim, a nível Profissional (Emprego ou escola)
- Ambos
- Não

20. Considera que o Sporting Clube de Portugal, enquanto instituição, promove a integração de elementos femininos nas bancadas? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez

21. **Nos últimos anos, existiu um aumento de elementos femininos nos GOA do Sporting Clube de Portugal. Concorda com a seguinte afirmação? ***

Marcar apenas uma oval.

- Concordo
- Discordo
- Nem Concordo nem Discordo

ANEXO B – TABELAS DE FREQUÊNCIA

	N		Statistics						
	Valid	Missing	Mean	Median	Mode	Std. Deviation	Minimum	Maximum	Sum
Idade	122	0	34,96	35,00	26 ^a	9,884	17	57	4265
Escolaridade	122	0	2,30	2,00	2	,679	1	3	281
Estado Civil	122	0	1,63	1,00	1	,741	1	4	199
Número de Filhos	122	0	1,53	1,50	1	,563	1	3	187
A que GOA pertence?	122	0	2,29	2,00	2	,538	1	4	279
Há quanto tempo faz parte deste GOA?	122	0	2,27	2,00	2	,561	1	3	277
Já pertenceu a outro GOA?	122	0	1,80	2,00	2	,405	1	2	219
Como conheceu o GOA do qual faz parte atualmente? (Selecione apenas uma opção).	122	0	1,98	1,00	1	1,361	1	4	242
Das seguintes opções, selecione qual/quais considera serem as principais razões para ter integrado o GOA ao qual pertence (Pode selecionar até três opções).	122	0	1,20	1,00	1	,799	1	6	146
Das seguintes opções, selecione qual/quais considera serem as principais razões para ter integrado o GOA ao qual pertence (Pode selecionar até três opções).	111	11	3,42	3,00	4	1,032	2	5	380

Das seguintes opções, seleccione qual/quais considera serem as principais razões para ter integrado o GOA ao qual pertence (Pode seleccionar até três opções).	88	34	4,50	5,00	5	,678	3	5	396
Como considera o número de mulheres existentes no GOA ao qual pertence?	122	0	2,46	2,00	2	,682	2	4	300
Considera que existe uma preocupação por parte da Direção do GOA e dos restantes elementos em integrar os novos elementos femininos?	122	0	1,39	1,00	1	,699	1	3	170
Já presenciou ou foi alvo de comentários discriminatórios ou depreciativos para com mulheres?	122	0	1,67	2,00	2	,471	1	2	204
Se respondeu que "Sim" na pergunta anterior, identifique os autores dos comentários	40	82	1,38	1,00	1	,628	1	3	55
Caracteriza as seguintes tarefas, tendo em conta quem as realiza: Bar	122	0	2,12	2,00	2	,788	1	5	259
Caracteriza as seguintes tarefas, tendo em conta quem as realiza: Secretaria	122	0	3,30	4,00	4	1,232	1	5	403

Caracteriza as seguintes tarefas, tendo em conta quem as realiza: Venda de Merchandising	122	0	3,82	4,00	4	,918	1	5	466
Caracteriza as seguintes tarefas, tendo em conta quem as realiza: Limpezas	122	0	3,80	4,00	4	,942	1	5	464
Como classifica no presente a sua integração no GOA ao qual pertence, numa escala de 1 a 5, em que 1 é "Nada Integrada" e 5 "Totalmente Integrada"?	122	0	4,05	4,00	4	,961	1	5	494
Quando entrou no GOA, que funções perspectivava ter?	122	0	2,83	3,00	3	,458	1	3	345
Atualmente que funções desempenha no GOA?	122	0	2,75	3,00	3	,569	1	3	335
Quando entrou para o GOA, ao qual pertence atualmente, tinha receio de ser discriminada por ser mulher?	122	0	1,78	2,00	2	,417	1	2	217
Na sua vida pessoal ou profissional, já foi alvo de algum tipo de discriminação ou comentários por pertencer a um GOA?	122	0	2,35	2,00	1	1,226	1	4	287

Considera que o Sporting Clube de Portugal, enquanto instituição, promove a integração de elementos femininos nas bancadas?	122	0	1,61	1,00	1	,857	1	3	197
Nos últimos anos, existiu um aumento de elementos femininos nos GOA do Sporting Clube de Portugal. Concorda com a seguinte afirmação?	122	0	1,11	1,00	1	,423	1	3	135

a. Multiple modes exist. The smallest value is shown

Frequency Table

		Idade			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	17	3	2,5	2,5	2,5
	18	2	1,6	1,6	4,1
	19	2	1,6	1,6	5,7
	20	4	3,3	3,3	9,0
	21	2	1,6	1,6	10,7
	22	2	1,6	1,6	12,3
	23	2	1,6	1,6	13,9
	24	3	2,5	2,5	16,4
	25	2	1,6	1,6	18,0
	26	6	4,9	4,9	23,0
	27	3	2,5	2,5	25,4
	28	2	1,6	1,6	27,0
	29	4	3,3	3,3	30,3
	30	6	4,9	4,9	35,2

31	4	3,3	3,3	38,5
32	5	4,1	4,1	42,6
33	6	4,9	4,9	47,5
34	2	1,6	1,6	49,2
35	4	3,3	3,3	52,5
36	4	3,3	3,3	55,7
37	6	4,9	4,9	60,7
38	5	4,1	4,1	64,8
39	3	2,5	2,5	67,2
40	2	1,6	1,6	68,9
41	6	4,9	4,9	73,8
42	2	1,6	1,6	75,4
43	4	3,3	3,3	78,7
44	3	2,5	2,5	81,1
45	2	1,6	1,6	82,8
46	1	,8	,8	83,6
47	3	2,5	2,5	86,1
48	3	2,5	2,5	88,5
49	3	2,5	2,5	91,0
50	4	3,3	3,3	94,3
51	3	2,5	2,5	96,7
53	2	1,6	1,6	98,4
56	1	,8	,8	99,2
57	1	,8	,8	100,0
Total	122	100,0	100,0	

Escolaridade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Ensino Básico (até ao 9º ano inclusive)	15	12,3	12,3	12,3
	Ensino Secundário (até ao 12º ano inclusive)	55	45,1	45,1	57,4
	Ensino Superior (Licenciatura/Mestrado/Doutoramento)	52	42,6	42,6	100,0
	Total	122	100,0	100,0	

Estado Civil

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Solteira	63	51,6	51,6	51,6
	Casada/União de facto	42	34,4	34,4	86,1
	Divorciada	16	13,1	13,1	99,2
	Viúva	1	,8	,8	100,0
	Total	122	100,0	100,0	

Número de Filhos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0 Filhos	61	50,0	50,0	50,0
	1-2 Filhos	57	46,7	46,7	96,7
	3 ou mais Filhos	4	3,3	3,3	100,0
	Total	122	100,0	100,0	

A que GOA pertence?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Brigada Ultras	1	,8	,8	,8
	Directivo Ultras XXI	89	73,0	73,0	73,8
	Juventude Leonina	28	23,0	23,0	96,7
	Torcida Verde	4	3,3	3,3	100,0
	Total	122	100,0	100,0	

Há quanto tempo faz parte deste GOA?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	- de 1 ano	7	5,7	5,7	5,7
	Entre 1 a 5 anos	75	61,5	61,5	67,2
	+ de 5 anos	40	32,8	32,8	100,0
	Total	122	100,0	100,0	

Já pertenceu a outro GOA?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	25	20,5	20,5	20,5
	Não	97	79,5	79,5	100,0

Total	122	100,0	100,0
-------	-----	-------	-------

Como conheceu o GOA do qual faz parte atualmente? (Selecione apenas uma opção).

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Familiares e Amigos	77	63,1	63,1	63,1
Redes Sociais	6	4,9	4,9	68,0
Televisão ou Jornais	3	2,5	2,5	70,5
Observação direta (jogos ou convívios)	36	29,5	29,5	100,0
Total	122	100,0	100,0	

Das seguintes opções, selecione qual/quais considera serem as principais razões para ter integrado o GOA ao qual pertence (Pode seleccionar até três opções).

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Apoio incondicional ao clube	113	92,6	92,6	92,6
Bilhetes mais baratos	2	1,6	1,6	94,3
Interesse pelo GOA	3	2,5	2,5	96,7
Interesse pela mentalidade ultra	2	1,6	1,6	98,4
Nenhuma das opções anteriores	2	1,6	1,6	100,0
Total	122	100,0	100,0	

Das seguintes opções, selecione qual/quais considera serem as principais razões para ter integrado o GOA ao qual pertence (Pode seleccionar até três opções).

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Bilhetes mais baratos	26	21,3	23,4	23,4
Interesse pelo GOA	31	25,4	27,9	51,4

	Interesse pela mentalidade ultra	35	28,7	31,5	82,9
	Novas amizades	19	15,6	17,1	100,0
	Total	111	91,0	100,0	
Missing	System	11	9,0		
Total		122	100,0		

Das seguintes opções, selecione qual/quais considera serem as principais razões para ter integrado o GOA ao qual pertence (Pode seleccionar até três opções).

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Interesse pelo GOA	9	7,4	10,2	10,2
	Interesse pela mentalidade ultra	26	21,3	29,5	39,8
	Novas amizades	53	43,4	60,2	100,0
	Total	88	72,1	100,0	
Missing	System	34	27,9		
Total		122	100,0		

Como considera o número de mulheres existentes no GOA ao qual pertence?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Tem bastantes elementos femininos	79	64,8	64,8	64,8
	Tem elementos femininos suficientes	30	24,6	24,6	89,3
	Tem poucos elementos femininos	13	10,7	10,7	100,0
	Total	122	100,0	100,0	

Considera que existe uma preocupação por parte da Direção do GOA e dos restantes elementos em integrar os novos elementos femininos? Considera que existe uma preocupação por parte da Direção do GOA e dos restantes elementos em integrar os novos elementos f

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	89	73,0	73,0	73,0
	Não	18	14,8	14,8	87,7
	Talvez	15	12,3	12,3	100,0
	Total	122	100,0	100,0	

Já presenciou ou foi alvo de comentários discriminatórios ou depreciativos para com mulheres?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	40	32,8	32,8	32,8
	Não	82	67,2	67,2	100,0
	Total	122	100,0	100,0	

Se respondeu que "Sim" na pergunta anterior, identifique os autores dos comentários

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Os comentários foram feitos apenas por elementos masculinos	28	23,0	70,0	70,0
	Os comentários foram feitos maioritariamente por elementos masculinos	9	7,4	22,5	92,5
	Os comentários foram feitos por elementos masculinos e femininos	3	2,5	7,5	100,0

	Total	40	32,8	100,0
Missing	System	82	67,2	
	Total	122	100,0	

Caracteriza as seguintes tarefas, tendo em conta quem as realiza: Bar

			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Exclusivamente masculinos	elementos	23	18,9	18,9	18,9
	Maioritariamente masculinos	elementos	68	55,7	55,7	74,6
	Elementos masculinos e femininos em igualdade		25	20,5	20,5	95,1
	Maioritariamente femininos	elementos	5	4,1	4,1	99,2
	Exclusivamente femininos	elementos	1	,8	,8	100,0
	Total		122	100,0	100,0	

Caracteriza as seguintes tarefas, tendo em conta quem as realiza: Secretaria

			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Exclusivamente masculinos	elementos	13	10,7	10,7	10,7
	Maioritariamente masculinos	elementos	22	18,0	18,0	28,7
	Elementos masculinos e femininos em igualdade		20	16,4	16,4	45,1
	Maioritariamente femininos	elementos	49	40,2	40,2	85,2
	Exclusivamente femininos	elementos	18	14,8	14,8	100,0
	Total		122	100,0	100,0	

Caracteriza as seguintes tarefas, tendo em conta quem as realiza: Venda de Merchandising

			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Exclusivamente masculinos	elementos	3	2,5	2,5	2,5
	Maioritariamente masculinos	elementos	5	4,1	4,1	6,6
	Elementos masculinos e femininos em igualdade		31	25,4	25,4	32,0
	Maioritariamente femininos	elementos	55	45,1	45,1	77,0
	Exclusivamente femininos	elementos	28	23,0	23,0	100,0
Total			122	100,0	100,0	

**Caracteriza as seguintes tarefas, tendo em conta quem as realiza:
Limpezas**

			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Exclusivamente masculinos	elementos	3	2,5	2,5	2,5
	Maioritariamente masculinos	elementos	4	3,3	3,3	5,7
	Elementos masculinos e femininos em igualdade		38	31,1	31,1	36,9
	Maioritariamente femininos	elementos	46	37,7	37,7	74,6
	Exclusivamente femininos	elementos	31	25,4	25,4	100,0
Total			122	100,0	100,0	

Como classifica no presente a sua integração no GOA ao qual pertence, numa escala de 1 a 5, em que 1 é "Nada Integrada" e 5 "Totalmente Integrada"?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Integrada	2	1,6	1,6	1,6
	Pouco Integrada	8	6,6	6,6	8,2
	Integrada	17	13,9	13,9	22,1
	Muito Integrada	50	41,0	41,0	63,1

Totalmente Integrada	45	36,9	36,9	100,0
Total	122	100,0	100,0	

Quando entrou no GOA, que funções perspectivava ter?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Funções Administrativas (venda de bilhetes/merchandising/organização de viagens)	4	3,3	3,3	3,3
	Funções Logísticas (coreografias/bar/limpezas)	13	10,7	10,7	13,9
	Não esperava ter quaisquer tipo de funções	105	86,1	86,1	100,0
	Total	122	100,0	100,0	

Atualmente que funções desempenha no GOA?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Funções Logísticas (coreografias/bar/limpezas)	8	6,6	6,6	6,6
	Funções Logísticas (coreografias/bar/limpezas)	15	12,3	12,3	18,9
	Não tenho qualquer função	99	81,1	81,1	100,0
	Total	122	100,0	100,0	

Quando entrou para o GOA, ao qual pertence atualmente, tinha receio de ser discriminada por ser mulher?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	27	22,1	22,1	22,1
	Não	95	77,9	77,9	100,0
	Total	122	100,0	100,0	

Na sua vida pessoal ou profissional, já foi alvo de algum tipo de discriminação ou comentários por pertencer a um GOA?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim, a nível Pessoal (família ou amigos)	42	34,4	34,4	34,4
	Não	30	24,6	24,6	59,0
	Sim, a nível Profissional (Emprego ou escola)	15	12,3	12,3	71,3
	Ambos	35	28,7	28,7	100,0
	Total	122	100,0	100,0	

Considera que o Sporting Clube de Portugal, enquanto instituição, promove a integração de elementos femininos nas bancadas?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	77	63,1	63,1	63,1
	Não	15	12,3	12,3	75,4
	Talvez	30	24,6	24,6	100,0
	Total	122	100,0	100,0	

Nos últimos anos, existiu um aumento de elementos femininos nos GOA do Sporting Clube de Portugal. Concorda com a seguinte afirmação?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo	114	93,4	93,4	93,4
	Discordo	3	2,5	2,5	95,9
	Nem Concordo nem Discordo	5	4,1	4,1	100,0
	Total	122	100,0	100,0	